UM CONTRAPONTO À EVOLUÇÃO CERAMOLÓGICA DO ATELIER DA QUINTA DO ROUXINOL: A QUINTA DE SÃO JOÃO DA ARRENTELA, PORTUGAL (70–425+ D.C.)

José Carlos Quaresma[*], *Cézer Santos*[**]

Palavras chave: Provincia da Lusitania, Baixo-Tejo, comércio, diversidade intra-regional, Alto Império e Antiguidade Tardia

Cuvinte cheie: Lusitania, Baixo-Tejo, comerţ, diversitate intra-regională, Imperiul timpuriu și Antichitate târzie

0. Introdução. Enquadramento, caracterização e faseamento do sítio

0.1. Enquadramento e caracterização

A possível *villa* romana da Quinta de São João (ou Quinta da Laranjeira) situa-se na freguesia de Arrentela, concelho do Seixal, e implanta-se numa pequena encosta orientada a Oeste, junto ao rio Judeu, um dos esteiros do Rio Tejo, conhecido como Baía do Seixal. A sua localização privilegiada permite uma ligação eficaz ao Tejo e, em particular, à cidade de *Olisipo* (Fig. 1).

Os solos arenosos em torno da baía são bastante fracos e pouco vocacionados para a agricultura intensiva, excepto, talvez, a da vinha e olival. No entanto, poderiam ser bastante favoráveis à exploração florestal. A região é também pontuada por diversos estratos de argila, resultantes dos depósitos antigos do pré-Tejo e de formações aluvionares mais recentes. Tal explica, a proliferação de oficinas de produção oleira em quase toda a margem esquerda do Baixo Tejo, como é o caso da olaria romana da Quinta do Rouxinol e, possivelmente, a própria Quinta de São João, onde se observam algumas evidências desta indústria.

Ainda no âmbito dos recursos temos de evidenciar, talvez, o mais significativo de todos e o que poderá ter levado à fundação do sítio romano que agora abordamos neste artigo.

[*] Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade Nova de Lisboa, CHAM-Centro de Humanidades – FCSH/UNL, Av. de Berna 26 C, 1069-061 Lisboa, e-mail: josecarlosquaresma@gmail.com

[**] Câmara Municipal do Seixal, Alameda dos Bombeiros Voluntários 45, 2844-001 Seixal, e-mail: cezer.santos@gmail.com

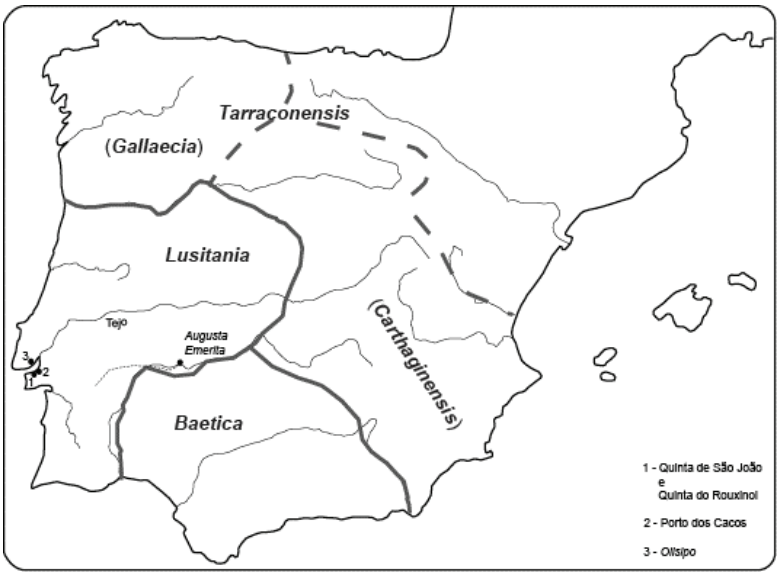

Fig. 1. Localização da Quinta de São João da Arrentela na *Hispania*. / Locaţia sitului de la Quinta de São João da Arrentela în Hispania.

Esse recurso é o ouro. São conhecidos, no actual território do Seixal, pelo menos dois enormes complexos de exploração aurífera romana (cronologia atestada pela recolha superficial de *terra sigillata* hispânica, cerâmica comum bética e cerâmica comum local): o Complexo Mineiro de Vale de Gatos, na Cruz de Pau[1] e o Complexo de Silha do Alferes/Vale Longo, em Paio Pires, próximo de Coina[2].

Trata-se de uma exploração aurífera com recurso a abertura de uma rede de galerias abertas nos níveis aluvionares de areia consolidada onde se depositaram as palhetas de ouro. A dimensão destes complexos é surpreendentemente grande, tendo em consideração o tipo de substrato onde se encontram escavados: em Vale de Gatos, a área pode superar largamente os 50 hectares, e, em Silha do Alferes, os 100 hectares. O sítio romano da Quinta de São João situa-se precisamente a meio caminho entre ambos, podendo colocar-se a hipótese de ter existido uma relação entre os três locais, algo para o qual não existe, porém, qualquer evidência.

Os primeiros vestígios deste sítio arqueológico foram identificados em 31 de Março de 1950, no decorrer de trabalhos agrícolas para abertura de surribas e desaterros na Quinta de São João. Consequentemente surgem uma série de sepulturas ainda com restos humanos, algum espólio cerâmico e numismático de cronologia romana e identificados por Maria de Lourdes Costa Arthur. Durante

1 Vale *et alii* 1999; Salgueiro *et alii* 2000.

2 Vale, Sabrosa 1998; Santos, Raposo 2001.

os anos de 1983/84 realizou-se campanhas de prospecção e limpeza dos taludes existentes no terreno e, em 1992, por iniciativa do mesmo Ecomuseu, efectuou-se uma campanha de prospecção geofísica, organizada por uma equipa da Universidade de Aveiro, que tinha como objectivo identificar possíveis estruturas e estabelecer os limites da área arqueológica. Em finais de 2002 e no decurso de 2003, realizou-se uma intervenção arqueológica de emergência promovida pelo Serviço de Arqueologia do Ecomuseu Municipal do Seixal, na sequência da urbanização parcial da Quinta de São João e da abertura de uma vala de saneamento básico. As primeiras sondagens são realizadas com o objectivo de confirmar os resultados da campanha da prospecção geofísica de 1992, em áreas coincidentes com a obra, não se tendo confirmado os dados da geofísica. Foi, porém, na abertura da vala para a infraestrutura de saneamento, na zona de intersecção com o ramal já existente na Calçada da Boa-Hora, junto das ruínas do edifício da Quinta da Laranjeira, que surgem os vestígios arqueológicos: um conjunto de estruturas e vários fragmentos de cerâmica de cronologia romana. Foi neste local que se implementou os trabalhos arqueológicos de emergência (Fig. 2).

0.2. Faseamento estratigráfico

A realidade estratigráfica do sítio é relativamente complexa (Fig. 3). Os primeiros níveis pertencem a uma camada de aterro do século XIX, e/ou anterior, com cerca de 1,50 m de potência. Estes depósitos são suportados por um grande muro de contenção de terras que percorre quase toda a extensão da Calçada da Boa-Hora. Este aterro sobrepõe-se a um sedimento castanho-escuro, cuja espessura varia entre os 10 cm e os 50 cm, uma unidade estratigráfica que cobre uniformemente toda a área escavada e foi observada em toda a extensão da vala para a infraestrutura de saneamento. Desenvolve-se de uma forma quase horizontal, contrariando a actual topografia do terreno. É designada no registo gráfico/ desenho dos perfis como camada [D] e poderá corresponder a um antigo solo agrícola que cobre e "sela" os níveis de abandono do sítio romano; distingue-se não só pela variação cromática, mas também por apresentar raro espólio, contrastando com os estratos inferiores, ricos em material romano.

Ora, sob esta camada, desenvolvem-se os contextos do período romano aos quais atribuímos cinco fases, com base na análise crono-estratigráfica detalhada e no estudo de todo o material arqueológico que permitisse facultar informação cronológica fina e estatisticamente válida. Não deixa, porém, de haver fortes limitações para a compreensão rigorosa da evolução do espaço, assim como a sua funcionalidade. Estas devem-se, essencialmente, à dimensão da área escavada, que nos deixa com mais questões do que respostas. O período de ocupação do sítio, a partir dos dados disponíveis do sector escavado, enquadra-se entre o último quartel do século I e, pelo menos, o primeiro quartel do século

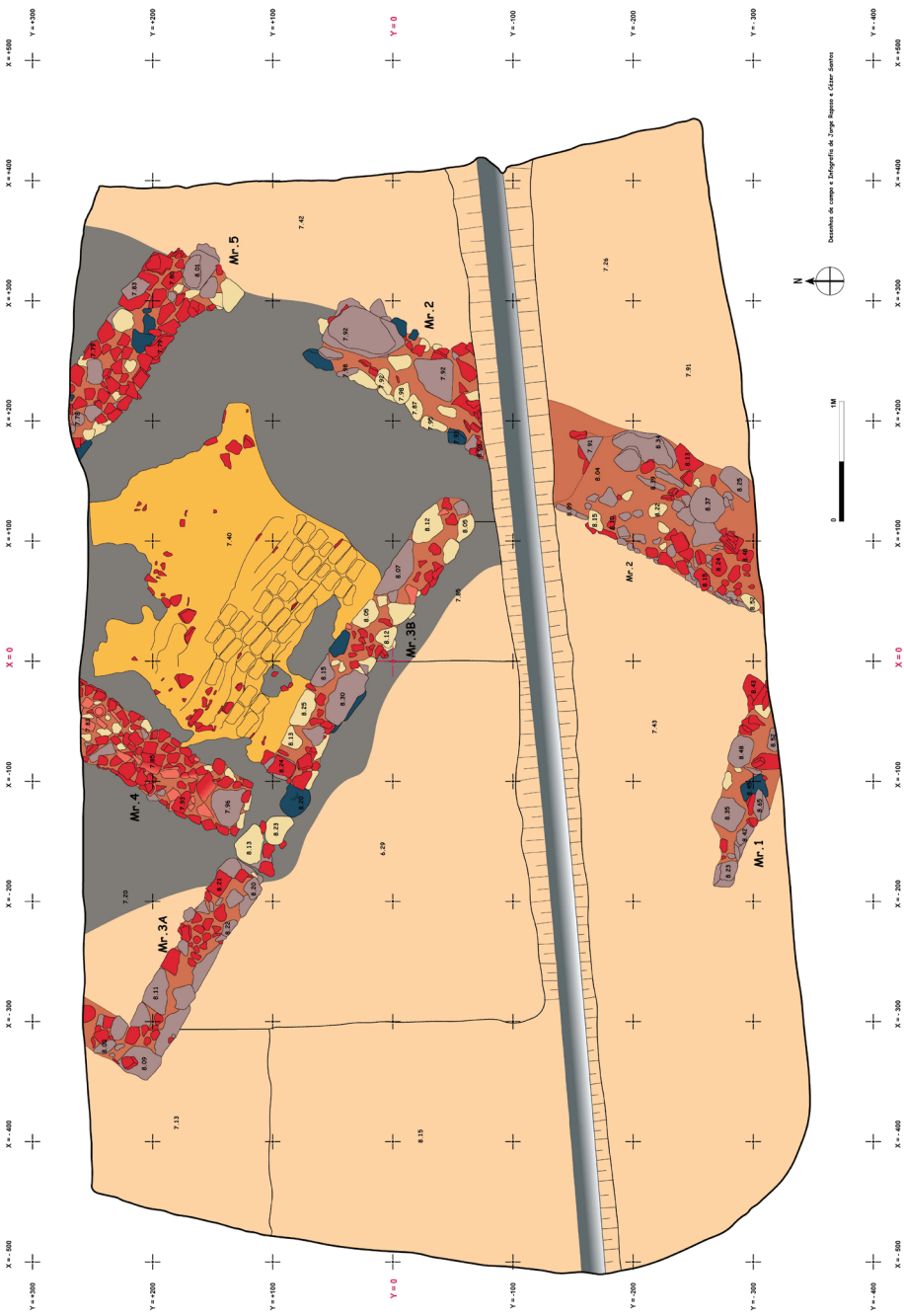

Fig. 2. Planta da área escavada. / Planul zonei excavate.

V d.C., com o seguinte faseamento: fase 1 (70–100 d.C.), fase 2 (100–125 d.C.), fase 3 (270–300 d.C.), fase 4 (350–400 d.C.) e fase 5 (400/425+ d.C.).

0.2.1. Fase 1 (70–100 d.C.) e fase 2 (100–125 d.C.)

As primeiras duas fases são sobretudo depósitos coluvionares ou, eventualmente, aterros antrópicos que embalam um conjunto significativo de materiais de cronologias Alto Imperiais. É provável que num momento precoce, os estratos inferiores, da fase 3, sejam também de génese similar aos das fases 1 e 2.

É também provável que se trate de um contexto de regularização da topografia original do sítio, pois os estratos revelam um depósito de tendência inclinada no eixo Norte/Sul, com uma horizontalização no sentido Nascente/Ponte. Isto permite vislumbrar a possível existência duma primitiva "vala" ou linha de água que fluiria em direcção ao Rio Judeu (Baía do Seixal), porém, a área escavada é insuficiente para tirar qualquer conclusão definitiva.

0.2.2. Fase 3 (270–300 d.C.)

Esta fase corresponde essencialmente ao período de construção e de utilização deste espaço, relativo às áreas dos muros 1, 2 e 3 (Fig. 2). É difícil discernir como estas estruturas se poderiam articular ou qual seria a sua função. Apesar de parecerem limitar espaços, os muros não entram em contacto entre si, tornado muito difícil compreender qualquer evolução construtiva ou funcional.

O muro 2 é uma estrutura de grande dimensão, comparativamente aos restantes muros intervencionados. Tem cerca 1 m de largura e apresenta apenas uma só face, mais especificamente o alçado noroeste, algo característico de estruturas para contenção de terras. O aparelho é misto, edificado com recurso a blocos e placas de arenito ferruginoso, tijolo e blocos de calcário. No lado sudeste, encostado ao muro, encontra-se uma série de depósitos que interpretamos como sendo resultantes da formação de um aterro suportado pelo muro 2. Porém, o depósito mais relevante neste contexto é o que resulta da desagregação da parede de adobe deste. Trata-se de um sedimento rubefacto, de cor vermelho forte, indicando a presença de fogo a elevadas temperaturas, característica expectável em sedimentos que se encontram em contacto com estruturas de combustão de alta temperatura, como os fornos oleiros.

Perpendicular ao muro 2, surge parte de uma estrutura que designamos como muro 1. Encontra-se bastante desagregado por ter sido o primeiro elemento arqueológico identificado no decorrer da obra de saneamento e por isso bastante afectado pela máquina. Devido ao seu estado de destruição, torna-se impossível saber qual seria o seu desenvolvimento. Outro factor que contribui para a dificuldade em interpretar esta estrutura é o facto de não ser possível observar o contacto entre o muro 1 e o muro 2, devido ao facto de se encontrar em área não escavada.

Associado ao muro 1, existe um conjunto de depósitos, compostos essencialmente por carvões e abundante material arqueológico: *terra sigillata*, ânfora, agulha de rede, anel, pulseira e cerâmica comum. À primeira vista, parece tratar-se de um contexto de lixeira, já que os artefactos metálicos se encontram fracturados, portanto, inutilizados, podendo ter ocorrido esta função apenas após o abandono desta estrutura. Tendo em conta as características deste conjunto (muro 1 e 2), assim como os depósitos de carvões e de sedimento rubefactos, podemos interpretá-lo como parte de um forno, à semelhança ao que acontece no Porto dos Cacos, particularmente o Forno 1, que se encontra integrado a um muro de contenção ou fachada de bateria[3].

Em termos construtivos o Muro 3 é bastante heterogéneo, distinguindo-se diferenças significativas nos dois troços que compõem a estrutura. O segmento A, a Noroeste, tem uma técnica construtiva bastante robusta, composta por grandes blocos e placas de arenito ferruginoso e cerâmica de construção, com uma altura de cerca 80 cm. A secção B do muro, a Sudeste, apresenta um aparelho muito menos cuidado, composto por um misto de materiais (calcário, tijolo, arenito, cerâmica comum, ânfora e basalto) reutilizadas e aparelhadas de forma aparentemente aleatória, com uma altura de cerca 40 cm. A separar estes dois troços existiu uma porta que, posteriormente (fase 4), terá sido entaipada. Identificou-se ainda alguns restos de um pavimento em terra batida e argila, que serviu esta fase de utilização e, provavelmente, a fase seguinte.

0.2.3. Fase 4 (350–400 d.C.)

A quarta fase é marcada por grandes transformações no espaço, com a desactivação de estruturas e compartimentação de outras. Acredita-se que estas mudanças possam ser resultado de um grande incêndio que terá devastado o edificado original, deixando como evidência estratigráfica uma camada de carvões que chega a ter cerca 40 cm de espessura.

Na zona sul, a estrutura correspondente ao Muro 1 (eventual corredor de forno) é desactivada e passa a ser utilizado como zona para descarte de detritos, como já se referiu anteriormente.

A Norte, na área delimitada pelos Muros 2 e 3, após destruição por um incêndio, o espaço é reformulado através de uma compartimentação feita pelos Muros 4 e 5. O sistema construtivo destas estruturas é bastante distinto das anteriores, sendo constituído quase exclusivamente por restos cerâmicos reciclados (tijolo, telha, ânfora e cerâmica comum). Em determinado momento, durante esta fase, foi aberta uma fossa no interior deste compartimento cuja função não nos é possível compreender, mas que poderá ter sido usada como

[3] Raposo 1990, 136.

fossa detrítica. Dentro desta recolheu-se diversos materiais: cerâmica comum, vidros, *terra sigillata*, ossos de caprídeos, moedas e uma estatueta em bronze que representa a divindade romana Mercúrio[4].

Misturado com o nível de cinzas e carvões, identificou-se um depósito de derrube de telhado, composto integralmente por *imbrex* (algo que marca o sítio é a quase inexistência de *tegulae*) e outras cerâmicas. Este método constructivo das coberturas é também observável na olaria romana da Quinta do Rouxinol. Respectivamente ao depósito de carvões, julgamos possível existir dois níveis de carbonização, um respeitante à fase de ocupação, e, possivelmente, um outro, mais ténue, relacionado com o momento de abandono definitivo destas estruturas. Devido às suas características não foi possível distingui-las eficazmente durante a escavação; porém, são identificáveis no perfil estratigráfico e podem ser interpretadas como dois momentos distintos de incêndio.

Não existem vestígios claros da presença de pavimentos, com a excepção de um fino depósito de sedimento argiloso e avermelhado, semelhante às terras rubefactas que encostam ao Muro 2, que surge pontualmente sob o derrube da parede de adobe (fase 5).

0.2.4. Fase 5 (400/425+ d.C.)

A quinta fase define o período em que existe o abandono e colapso permanente destas estruturas. A parede do Muro 3, no compartimento compreendido entre o Muro 4 e 5, é formada por tijolos de adobe (com cerca de 20 × 8 cm cada um) e cai, em bloco conexo, para o interior do edifício, selando os contextos aí presentes. Para além dos restos de um possível pavimento, referido anteriormente, encontra-se um derrube de telhas pouco compacto e um nível de carvões que se dissolve na camada carbonizada que já referimos. Isto leva-nos a crer que poderá ter existido um segundo incêndio nesta área.

No compartimento do lado noroeste do Muro 4 não existem derrubes, o que nos leva a interpretar o espaço como uma área aberta ao ar livre durante a fase anterior. Talvez na remodelação da quarta fase se tenha desmontado, até às fundações, o que restava neste troço do Muro 3, formando uma espécie de palimpsesto.

O sítio acaba por ser sepultado gradualmente, por acção coluvionar, com sedimentos areno-argilosos, sobre os quais se forma um grande depósito que se estende quase até à urbanização da Quinta de São João (observado no acompanhamento da vala para saneamento da futura urbanização), que se caracteriza por ser um sedimento castanho escuro, muito rico em matéria orgânica. Interpretamos esta camada como um antigo campo agrícola, formado provavelmente durante a Idade Média, em função da presença de alguns Ceitis que

[4] Santos 2011.

foram recolhidos na área. Por último, existem outros fenómenos cumulativos de colmatação da zona, por acção natural e antrópica, até à contemporaneidade.

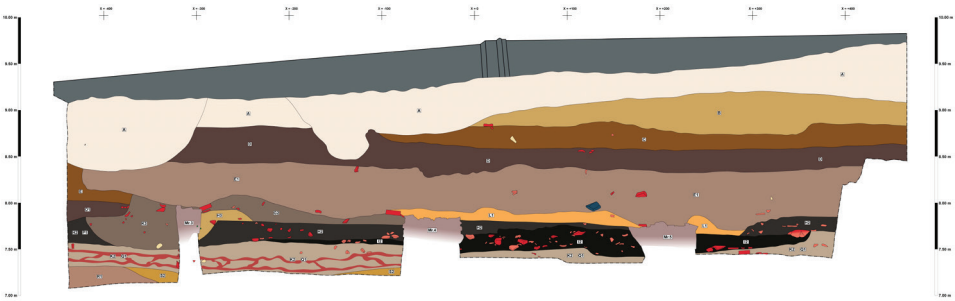

Fig. 3. Perfil estratigráfico norte – Zona B2. / Profil stratigrafic de nord – Zona B2.

1. Análise da evolução estratigráfica das cerâmicas finas e vidros

1.1. Fase de 70–100 d.C.

A fase flávia da Quinta de São João da Arrentela apresenta um conjunto estatisticamente interessante, dominado pela *terra sigillata*, mas com outras tipologias finas que nos indicam alguma diversidade económica extra-regional, que tornam a *Baetica* a terceira região fornecedora de cerâmicas, a seguir à *Hispania* e ao Sul da *Gallia*. O comércio africano proconsular é claramente incipiente nestes momentos, mas fornece deste modo um outro elemento de prova do início deste fornecimento, em época flávia, na área lusitana, juntando-se aos dados já conhecidos: em *Salacia* e na Ilha do Pessegueiro, os tipos Hayes 8A e Hayes 3B surgem em níveis flávios[5].

No seio da *terra sigillata*, única tipologia com diversidade interna, regional e tipológica, domina a *terra sigillata* sudgálica, com 50% da tipologia, seguida pelos 22,3% de La Rioja e outros tantos de Andújar, que colocam as duas regiões hispânicas em equilíbrio e que totalizam 44,6%, um valor pouco abaixo da cifra sudgálica.

O espólio sudgálico é dominado pelo prato Drag. 18, complementado pelo tipo Drag. 36, fazendo serviço com a tigela Drag. 33, embora estando mal representada. A única forma decorada é a Drag. 37: um exemplar (sem estampa) possui cordão ondulado a separar fiada decorativa, mas o nº 2 possui óvulos com tridentes e cordão de óculos.

Passelac e Vernhet[6] distinguem cronologicamente a Drag. 37 em *a* e *b*, datando-as respectivamente de 60–100 d.C. e 100–150 d.C.. Se a Drag. 36 pode recuar à década de 60 do século I d.C.[7], a Drag. 37 surge na calçada do século I em

5 Quaresma 2012, cap. 4; Silva *et alii* 1980–1981, 192; Silva, Soares 1993.

6 Passelac, Vernhet 1993, 574.

7 Farine 1996.

La Graufesenque[8] já na década de 50, mas é uma forma eminentemente flávia. Quanto aos cordões de óculos e ondulantes, Hermet[9], Sanchez e Silvéréano[10] e Genin e Rascalou[11] defendem uma cronologia até 50 d.C., para os primeiros, e pós–50 d.C., para os cordões ondulantes, pelo menos no tipo Drag. 30. Quanto à evolução dos óvulos na Drag. 30, Dannell, Dickinson e Vernhet[12] defendem que as linguetas tridentes sucedem às de roseta, em torno a c.70 d.C..

No seio do espólio hispânico de *terra sigillata*, Andújar fornece uma maioria de fabrico 3 (clássico), sendo o fabrico 4, mais calcítico e granuloso, com engobe de pior qualidade, ainda minoritário na época flávia, como acontece em Chãos Salgados, *Mirobriga*[13], sítio onde, na época flávia, também ocorre um tendencial primado de La Rioja sobre Andújar. Andújar parece fornecer apenas pratos do tipo Drag. 15/17, mas La Rioja apresenta uma clara diversidade, embora contando apenas com tipos lisos: os pratos Drag. 18 e 36 e a tigela Drag. 27.

Um outro elemento importante para a aferição cronológica desta fase estratigráfica na Quinta de São João é o exemplar campano de verniz vermelho pompeiano. O tipo Goudineau 33 (= forma 6 de Aguarod, Luni 5, Oberaden 21a) é um prato de fundo plano e bordo simples reentrante com parede convexa, datado, na *Gallia,* entre 75 e 125 d.C.[14], e na Catalunha, no século I d.C.[15].

Este tipo corresponde a 54,5% do total da tipologia na Alcáçova de Santarém e é assim a principal forma neste mercado de consumo[16]. Forma tardia no contexto produtivo campano, teve, porém, uma grande difusão comercial, alcançando a *Britannia*. Os dados de Santarém indicam, contudo, uma cronologia mais antiga para a produção deste tipo, do que aquela proposta por Passelac[17], já que todos os exemplares adquiridos em *Scallabis* surgem em UEs anteriores a meados do século I d.C.[18].

A *Baetica* fornece um exemplar indeterminado de paredes finas[19], bem como um almofariz de bordo arredondado (nº 5), com parede externa lisa, datável a partir de 50 d.C.[20].

---

8 Farine 1996.
9 Hermet 1934.
10 Sanchez, Silvéréano 2005, 175.
11 Genin, Rascalou 2004, 141.
12 Dannell *et alii* 1998.
13 Quaresma 2012, Fig. 99.
14 Passelac 1993a.
15 Aguarod 1991, 73.
16 Arruda, Viegas 2002, 227, Fig. 4.
17 Passelac 1993a.
18 Arruda, Viegas 2002, 230.
19 Mayet 1975.
20 Quaresma 2006: fase 2 do tipo; Serrano Ramos 1995.

O espólio vítreo é importante pela dimensão cronológica dos tipos presentes. O tipo AR 104.1/ Isings 94 está datado a partida segunda metade do século I e o tipo AR 130 entre Augusto e Trajano[21].

As lucernas representam a única tipologia fina com fornecimento local ou regional, tendo-se registado um exemplar de lucerna de Volutas ou de Disco[22], o que inviabiliza outras conclusões sobre esta tipologia, para além da ausência aparente de importações lucernárias.

Tipologia	**Origem**	**Grupo**	**Tipo**	**Frag.**	**NMI**	**NMI Prod.**	**% NMI Prod.**	**Obs.**	**Fig.**
Almofariz	*Baetica*		Bordo arredondado	1	1	1	100		5
	Total			1	1	1	100		
Lucerna	Local ou Regional		Volutas ou Disco	1	1	1	100		
	Total			1	1	1	100		
Paredes finas	*Baetica*		Ind.	1	1	1	100		
	Total			1	1	1	100		
Terra sigillata	TSAf A		Ind.	1	1	1	5,6		
	TSH-Andújar	Grupo 4	Ind.	1	1	1	5,6		
		Grupo 3	Ind.	2		3	16,7		
			Prato	1	1				
			D15/17	2	2				
	TSH-La Rioja		D18	1	1	4	22,3		
			D27	1	1				
			D36	1	1				
			Prato	1	1				
			Ind.	1					
	TSSG		D18	5	4	9	50		1
			D33	1	1				
			D36	1	1				6
			D37	1	1				
			D37a	1	1				2
			Prato	1	1				
	Total			22	18	18	100		

[21] Rütti 1991.
[22] Bussière 2000.

Vidro		Incolor	AR 104.1/ Is.94	1	1	2	100		
			Unguentário AR 130	1	1				
	Total			2	2	2	100		
Verniz Vermelho Pom-peiano	*Italia, Campa-nia*		Goudineau 33	1	1	1	100		4
	Total			1	1	1	100		
Total				28	24	24	100		
Residualidade: 0%									

Fig. 4. Quantificação da fase de 70–100 d.C.. / Cuantificarea fazei cuprinse între anii 70–100 d.Hr.

Catálogo:
1 – *Terra sigillata* sudgálica – Drag. 18 – Q.B1 – P.7 – C.A – Inv. Sig 52
2 – *Terra sigillata* sudgálica – Drag. 37a – Q.B1 – P.6 – C.A – Inv. Sig. 46
4 – Verniz vermelho pompeiano – *Italia, Campania* – Goudineau 33 – Q.B1 – P.4 – C.D – Inv. OC 31
5 – Almofariz – *Baetica* – Tipo bordo arredondado – Q.B1 – P.6 – C.A – Inv. OC 24+50

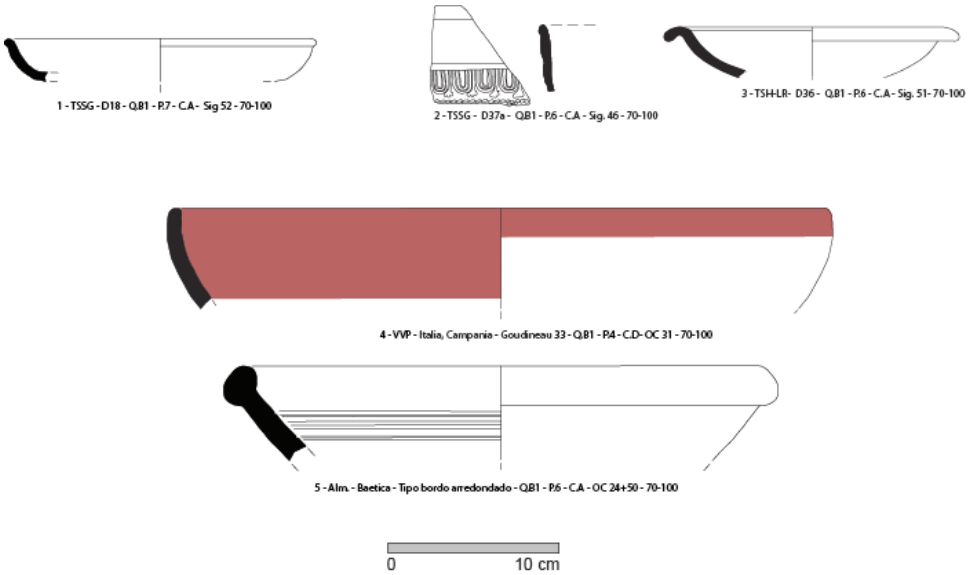

Fig. 5. Materiais da fase de 70–100 d.C. / Materiale aparţinând de faza cuprinsă între anii 70–100 d.Hr.

1.2. Fase de 100–125 d.C.

Esta fase estratigráfica está bastante mal conservada, contendo um único exemplar indefinido de garrafa em vidro e alguma *terra sigillata*, onde se constata a manutenção de um primado sudgálico, com as produções hispânicas ausentes por prováveis contingências estratigráficas, enquanto a *terra sigillata* africana A parece ampliar o seu comércio, embora apenas com fragmentos inclassificáveis.

Em Ampúrias, os tipos Drag. 37, 18 e 27 são importados até à primeira metade do século II; enquanto que apenas a Drag. 37 e alguma Drag. 35/36 surgem no depósito mediterrânico sudgálico da *villa* de St.-Bézard (Aspiran-Hérault)[23]. A continuidade de um comércio sudgálico até ao primeiro quartel do século II é conhecida em território lusitano, de forma segura, igualmente no Monte Molião-*Lacobriga*. Na Quinta de São João da Arrentela encontramos o binómio Drag. 18 e 27 em aparente equilíbrio, enquanto que em Monte Molião-Lagos, na UE 29 do segundo quartel do século II, para além do domínio claro da *sigillata* hispânica, as formas sudgálicas presentes são o binómio Drag. 15/17 e 27[24].

Tipologia	**Origem**	**Grupo**	**Tipo**	**Frag.**	**NMI**	**NMI Prod.**	**% NMI Prod.**	**Obs.**	**Fig.**
Terra sigillata	TSSG		D18	1	1	3	75		
			D27	1	1				
			Prato	1	1				
			Ind.	1					
	TSAf A		Ind.	4	1	1	25		
	Total			8	4	4	100		
Vidro		Azul claro	Garrafa	1	1	1	100		
	Total			1	1	1	100		
Total				9	5	5	100		
Residualidade: 0%									

Fig. 6. Quantificação da fase de 100–125 d.C. / Cuantificarea fazei cuprinse între anii 100–125 d.Hr.

1.3. Fase de 270–300 d.C.

Se nas duas fases alto-imperiais não existia qualquer residualidade estratigráfica, já no último terço do século III d.C. encontramos cerca de 32% do espólio com cronologias de uso claramente anteriores à deposição das UEs

[23] Aquilué *et alii* 2005; Genty, Mauné 2006.

[24] Arruda *et alii* 2008, 161.

desta fase. Mesmo assim, a residualidade centra-se apenas na *terra sigillata* alto-imperial de origem sudgálica e hispânica, sendo o espólio contemporâneo bastante diverso, como acontece na fase do último terço do século I d.C.. A cronologia desta fase é conferida essencialmente pela presença de um *Antoninianus* de 268–270 d.C., que nos fornece um *terminus post quem*, e pela ausência de *terra sigillata* africana D, que nos fornece um *terminus ante quem*.

A *terra sigillata* é dominada pela produção zeugitana com 32,4%, à semelhança do que acontece na segunda metade do século III na Quinta do Rouxinol[25], seguida pela africana C, com 8,8%, e pela africana A/D, com apenas 2,9%. Na produção bizacena regista-se a ausência ainda da forma que se tornará a mais popular desta série nos centros de consumo, o tipo Hayes 50, parecendo o abastecimento da Quinta de São João ainda estar apenas confinado à Hayes 45A – não deixa de ser interessante notar que a forma de africana A/D presente é justamente a Hayes 31, uma forma que imita essencialmente a Hayes 50, o que poderá configurar um esquema de compensação nos abastecimentos deste sítio de consumo. A produção A apresenta um espólio diverso que engloba sobretudo tigelas. O único prato é o tipo Hayes 27 = L9a. Os tipos Hayes 14A, 14B, 6B e 9B podem recuar ao século II, mas a Hayes 44 = L35ter (nº 9: de dimensões volumosas) é uma forma zeugitana de imitação dos ateliers bizacenos, com início, por isso, na primeira metade do século III (Hayes, 1972). Um possível fragmento de Hayes 161, forma fechada zeugitana, com pasta muito fina, será potencialmente residual (*Atlante* I, p. 48), mas já o indivíduo de Hayes 15 indica uma cronologia estratigráfica pós–250 d.C.[26].

A cerâmica africana de cozinha inicia agora a sua presença, através da produção zeugitana, em patina cinzenta, com a recorrente tampa Hayes 196A (nº 11).

Os dois indivíduos locais ou regionais e o indivíduo campano de verniz vermelho pompeiano são necessariamente residuais, tendo em conta a técnica de fabrico, mas a cerâmica de cozinha itálica, com formas como a Goudineau 33/ afim a Hayes 181, está ainda bem presente em contextos da segunda metade do século III de *Tarraco* (estudo em curso por um dos signatários).

O comércio de almofarizes béticos iniciado no século I mantém-se até esta fase na Quinta de São João, com o mesmo tipo de bordo arredondado e parede lisa, mas agora com um bordo quase a formar um lábio externo (nº 15), algo incomum na forma[27]. Soma-se um fabrico local ou regional com um exemplar de aba amendoada e vertedor (nº 21), cuja morfologia não encontra paralelo no centro produtor da Quinta do Rouxinol[28].

---

25 Santos *et alii* 2015.

26 Bonifay, 2004, 158.

27 Quaresma 2006.

28 Santos 2012.

As lucernas apresentam agora um exemplar indeterminável proveniente de *Augusta Emerita*, com pasta alto-imperial, sendo provavelmente residual[29]; mas, sobretudo, mantêm um abastecimento local ou regional, como acontecia no Alto-Império; muda no entanto o perfil tipológico, com um possível exemplar de Deneauve 7 (fragmento de orla com fiadas de traços oblíquos) e 2 exemplares de Dressel 28, com 15 mm de largura de orla e uma moldura larga que separa esta do disco, mas com grinalda (bem conhecida em lucernas de Disco alto-imperiais[30]). Tal pode colocar estes dois casos num perfil de transição entre as lucernas de Disco e a Dressel 28 (nºs 18 e 19), o que seria perfeitamente consentâneo com uma posição estratigráfica do século III[31].

Por fim, as Imitações de Engobe Vermelho não vitrificado iniciam agora a sua presença na estratigrafia do sítio, sendo uma tipologia também conhecida na Quinta do Rouxinol desde a sua fase estratigráfica mais antiga, ainda no segundo terço do século III[32]. Os fabricos detectados na Quinta de São João são claramente taganos e muito provavelmente originários de ateliers como a Quinta do Rouxinol. Tal como neste atelier, também no século III da Arrentela existem já os dois fabricos, de engobe e polimento, com claro destaque para este último, nestas fases mais precoces desta produção.

São os seguintes os fabricos detectados ao longo da estratigrafia da Quinta de São João:

Fabrico de IEV-engobe: Pasta M25 (castanho vermelho claro) e engobe M20/M25 (castanho vermelho claro). Pasta algo granulosa, rica em quartzo hialino de pequenas dimensões a alguma moscovite finíssima e rara calcite de pequenas dimensões.

Fabrico de IEV-polimento: Pasta e superfície N29 (castanho vermelho claro): este é um fabrico minoritário. O fabrico maioritário é mais claro: pasta M29 (castanho claro acinzentado) e superfície M53/M55 (castanho levemente rosado). A pasta de ambos é algo granulosa, rica em quartzo hialino de pequenas dimensões e alguma moscovite finíssima, com rara calcite de pequenas dimensões. Possível raro feldspato.

Ao nível tipológico[33], o fabrico de engobe apresenta um bordo mal conservado de Drag. 37, uma inspiração provavelmente hispânica por esta época; enquanto a produção de polimento apresenta uma possível Drag. 27, também ela uma provável inspiração hispânica, com corpo assaz desenvolvido, como

---

29 Rodríguez Martin 2002.

30 Casas i Genover, Sole i Fusté 2006.

31 Bussière 2000.

32 Santos *et alii* 2015.

33 Nas tabelas estatísticas, as formas de IEV encontram-se equiparadas às formas de cerâmica comum estudadas na Quinta do Rouxinol por um dos signatários (Santos 2012).

pode acontecer nas fases intermédias da *Hispania*[34] e pequena banda de roleta oblíqua, mas sobretudo formas de inspiração africana de tipologia culinária, como as Hayes 23B e 181B, bastante divulgadas pelos centros zeugitanos na época médio-imperial[35].

O último elemento não-residual será o indivíduo vítreo de Isings 50, outra forma bastante comum nestas fases dos mercados de consumo imperiais[36].

Tipologia	**Origem**	**Grupo**	**Tipo**	**Frag.**	**NMI**	**NMI Prod.**	**% NMI Prod.**	**Obs.**	**Fig.**
Almofariz	*Baetica*		Bordo arredondado	1	1	1	50		15
	Local ou Regional		Aba amendoada	1	1	1	50		21
	Total			2	2	2	100		
Cerâmica africana de cozinha	Norte da Tunísia	Patina cinzenta	H196A	1	1	1	100		11
	Total			2	2	2	100		
IEV	Local ou Regional	Polimento	D27?	1	1	4	80		17
			1.2.2.1 (Hayes 23B)	2	2				12, 13
			1.1.2.2 (H181B)	1	1				16
		Engobe	1.3.2.5 (D37)	1	1	1	20		
	Total			5	5	5	100		
Lucerna	*Augusta Emerita*		Ind.	1	1	1	25		
	Local ou Regional		Den. 7?	1	1	3	75		
			D28	2	2				18, 19
			Ind.	2					
	Total			6	4	4	100		
Numisma			*Antoninianus* (268–270 d.C.)	1	1	1	100		
	Total			1	1	1	100		

34 Paz Peralta 2008.
35 Bonifay 2004.
36 Rütti 1991.

Terra sigillata	TSAf A		Ind.	39		11	32,4		
			H14	1	1				
			H14A	1	1				
			H14B	1	1				
			H15	1	1				
			H161?	1	1				
			H27 = L9a	1	1				
			H44 = L35 ter	1	1				9
			H6B	1	1				
			H9B	2	2				
			H9B, var.	1	1				
	TSAf A/D		H31	1	1	1	2,9		
	TSAf C		H45A	2	2	3	8,8		10
			H45A ou B	1	1				
			Ind.	3					
	TSH-Andújar	Grupo 4	D27?	1	1	1	2,9		
		Grupo 3	D15/17	1	1	3	8,8		
			D27?	1	1				
			Hisp. 7	1	1				
			Ind.	4					
	TSH-La Rioja		D15/17	2	1	5	14,7		
			D27	1	1				8
			D33	1	1				
			Hisp. 2	1	1				
			Tigela	1	1				
			Ind.	10					
	TSSG		Ind.	5		10	29,4		
			D18	6	4			1 marca *Severus*	6, 7
			D24/15	1	1				
			D27	1	1				
			D27c	1	1				
			D30	1	1				
			D35	1	1				
			Tigela	1	1				
	Total			98	34	34	100		

Vidro		Azul celeste e verde gelo	Is.50	2	2	3	100		20
		Incolor	Ind.	1	1				
	Total			3	3	3	100		
Verniz Vermelho Pompeiano	*Italia, Campania*	Quartzo branco	Goudineau 33	1	1	1	33,3		
	Local ou Regional	Quartzo branco	Goudineau 33	3	2	2	66,7		14
	Total			4	3	3	100		
Total				121	54	54	100		
Residualidade: ± 32%									

Fig. 7. Quantificação da fase de 270–300 d.C. / Cuantificarea fazei cuprinse între anii 270 la 300 d.Hr.

Catálogo:
6 – *Terra sigillata* sudgálica – Drag. 18 – Q.B1 – Perfil Sul – C.M – Inv. Sig. 55
7 – *Terra sigillata* sudgálica – Drag. 18 – Oleiro *Severus*. Marca OF SEVERI[– Q.A1 – P.3 – C.C2 – Inv. Sig. 6+20+68+117+213+270
8 – *Terra sigillata* hispânica –La Rioja – Drag. 27 – Q.A1 – P.3 – C.D – Inv. Sig. 10
9 – *Terra sigillata* africana A – Pasta fina – Hayes 44 = Lamb. 35 ter – Q.B1 – P.2 – C.B1 – Inv. Sig. 21
10 – *Terra sigillata* africana C – Hayes 45A – Q.B2 – P.4 – C.A – Inv. Sig 15+119
11 – Cerâmica africana de cozinha – Norte da Tunísia – Patina cinzenta – Hayes 196A – Q.B1 – P.2 – C.B1 – Inv. CC1087
12 – Imitação de Engobe Vermelho – Polimento – Local ou Regional – Hayes 23B (1.2.2.1) – Q.B1/B2 – P.1 – C.B – Inv. CC 1280
13 – Imitação de Engobe Vermelho – Polimento – Local ou Regional –Hayes 23B (1.2.2.1) – Q.B1 – P.2 – C.B – Inv. CC 1078
14 – Verniz vermelho pomperiano – Local ou Regional – Fabrico de inclusões quartzo branco – Goudineau 33 – Q.B1 – P.2 – C.A – Inv. OC 88
15 – Almofariz – *Baetica* – Tipo bordo arredondado – Q.A1 – P.3 – C.D – Inv. OC 77
16 – Imitação de Engobe Vermelho – Polimento – Local ou Regional – Hayes 181B (1.1.2.2) – Q.B1/B2 – P.4 – C.C – Inv. CC 1147
17 – Imitação de Engobe Vermelho – Polimento – Local ou Regional – Drag. 27? – Q.B1 – P.4 – C.C – Inv. CC 246
18 – Lucerna – Local ou Regional – Dressel 28 – UE ferruginosa – Q.B2 – P.3 – C.B – Inv. OC 22
19 – Lucerna – Local ou Regional – Dressel 28 – UE ferruginosa – Q.B2 – P.3 – C.B – Inv. OC 111

20 – Vidro – Verde gelo – Isings 50 – Q.A1 – P.3 – C.E – Inv. s/n
21 – Almofariz – Local ou Regional – Tipo aba amendoada (1.5.11) – Q.A1 – P.2 – C.G – Inv. OC 74

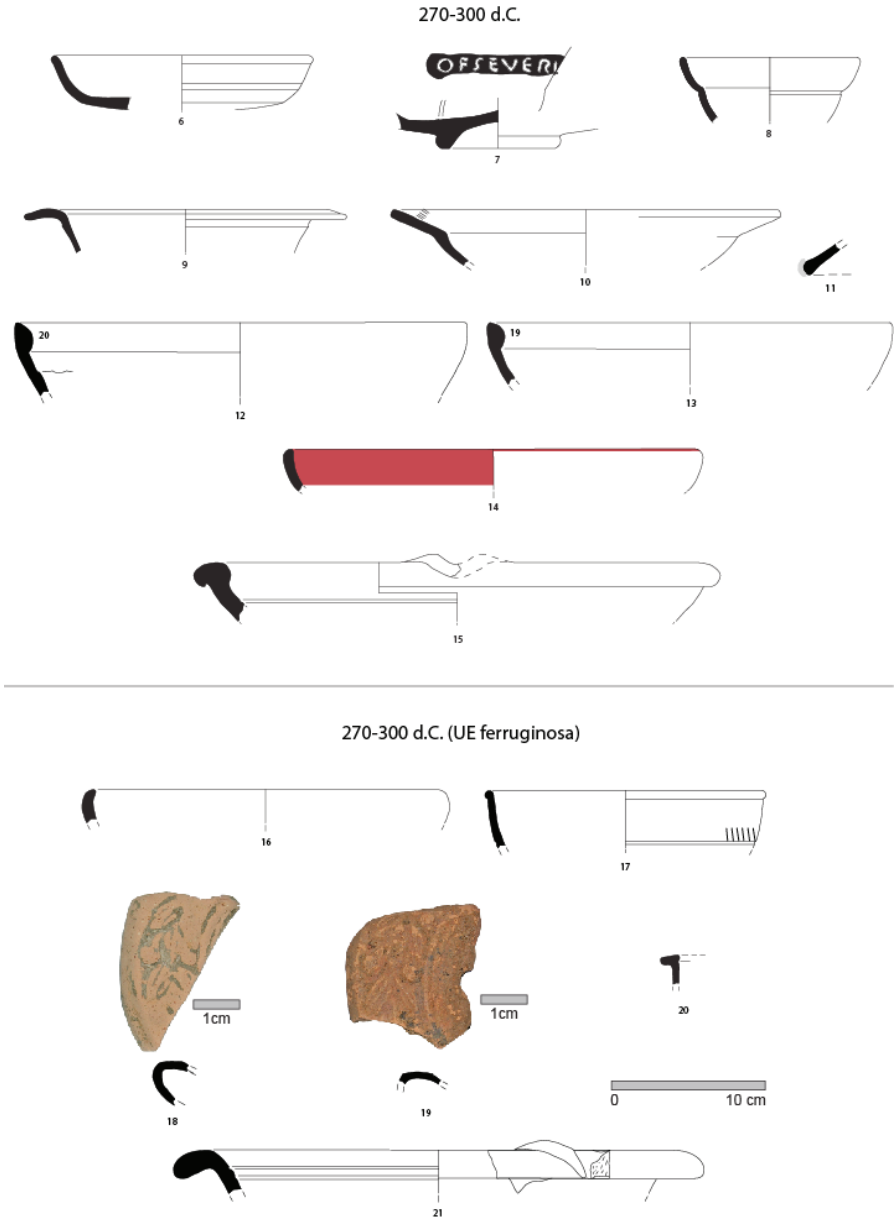

Fig. 8 – Materiais da fase de 270–300 d.C. / Materiale apartinând de faza cuprinsă între anii 270–300 AD.

1.4. Fase de 350–400 d.C.

A residualidade aumenta, na segunda metade do século IV, para quase metade do espólio da fase estratigráfica: as paredes finas serão *grosso modo* do século I d.C.; a *terra sigillata* africana A e A/D terminam a sua produção no século III; as produções alto-imperiais, sudgálica e hispânica, são novamente fruto de revolvimentos de depósitos mais antigos relativos a uma ocupação dos primeiros séculos da nossa era, ainda por compreender no sítio. Muito provavelmente, a forma afim à Hayes 14, em IEV de polimento, será residual, em face do protótipo zeugitano do século III d.C..

A circulação de moeda aumenta exponencialmente, com alguns numismas do século III presentes, mas sobretudo com as cunhagens do século IV a fornecerem a impressão de uma nova vitalidade económica no sítio. Os numismas mais recentes indicam que estamos perante uma cronologia estratigráfica nunca anterior ao segundo terço do século IV.

A *terra sigillata* será então composta por uma pequena presença de africana C, através do tipo Hayes 50A/B, que alcança os meados do século IV, mas onde dificilmente não será residual o cantil *Atlante* XXXI, 18, com uma morfologia variante em relação aos protótipos conhecidos. Esta morfologia, que denominamos de *Atlante* XXXI, 18, var. (nº 22) está presente em contextos da segunda metade do século III de *Tarraco*, que um dos signatários está a estudar. Contra três indivíduos contemporâneos de africana C, esta fase apresenta cinco indivíduos de africana D1, que formam assim a maioria do abastecimento desta tipologia fina de mesa. Se as formas Hayes 58B, 59 e 61A podem recuar à primeira metade da centúria, já a Hayes 67 indica-nos uma cronologia nunca anterior a 350 d.C.[37], afinando assim a datação estratigráfica que os numismas apontavam.

A cerâmica africana de cozinha zeugitana está presente, na produção com engobe, pelas Hayes 23 e 181B. Na produção de patina cinzenta, encontramos um bordo mal conservado de Hayes 185D, mas, mais importante pelo caracter inovador da sua presença, uma forma inédita no território actualmente português, o fervedor Uzita, 48, 1 = Bonifay, 2004, culinaire 18 (fervedor possivelmente de leite: o nosso exemplar apresenta a típica pseudo-patina branca interior, provocada ao que tudo indica por essa função culinária), com datações que podem recuar ao século II, mas que alcançam perfeitamente o século IV, com uma forte concentração no século III[38] e com uma difusão nítida no Mediterrâneo ocidental, desde a Tunísia/Líbia até à faixa oriental hispânica, onde uma boa quantidade de exemplares já foi diagnosticada[39].

As Imitações de Engobe Vermelho não vitrificável estão mais escassamente

---

37 Hayes 1972.

38 Bonifay, 2004.

39 González Villaescusa *et alii* 2015, 171.

presentes do que na fase de 270–300 d.C.: vemos a continuação da Hayes 23, em engobe, mas também o surgimento da imitação da Hayes 14A, em polimento, que será muito provavelmente residual (nº 24).

O conjunto de lucernas mantém a sua vocação local ou regional: se o tipo Dressel 20 (nº 27) e restantes lucernas de Disco (nº 25) são residuais, já o tipo Dressel 30 (nº 29) e as Derivadas de Disco podem perfeitamente alcançar o século V[40].

As lucernas, sempre de produção local ou regional, apresentam um espólio sobretudo residual (Disco, nº 25, e Dressel 20 (nº 27), com um tipo coevo, a Dressel 30, nº 28[41].

O espólio vítreo, mal conservado, não permite avaliar residualidade ou contemporaneidade, embora um fragmento possa talvez pertencer ao tipo Isings 116, forma tardo-romana[42].

O único almofariz pertence a fabricos locais ou regionais: com uma morfologia de bordo triangular, munido de haste superior, pequena e algo extrovertida (nº 26), tem algumas semelhanças com o almofariz de bordo triangular, mas simples, produzido no atelier da Quinta do Rouxinol[43].

Tipologia	**Origem**	**Grupo**	**Tipo**	**Frag.**	**NMI**	**NMI Prod.**	**% NMI Prod.**	**Obs.**	**Fig.**
Almofariz	Local ou Regional		Bordo triangular com haste	1	1	1	100		26
	Total			1	1	1	100		
Cerâmica africana de cozinha	Norte da Tunísia	Engobe	H23	1	1	4	66,6		
			H181B	3	3				
		Patina cinzenta	Uzita, 48, 1 = Bonifay, 2004, culinaire 18	1	1	2	33,3		
			H185D	1	1				
	Total			6	6	6	100		
IEV	Local ou Regional	Engobe	1.2.2.1 (Hayes 23)	1	1	1	50		
		Polimento	1.3.2.2 (H14A)	1	1	1	50		24
	Total			2	2	2	100		
Paredes Finas	*Baetica*			2	1	1	100		
	Total			2	1	1	100		

40 Bernal Casasola, García Giménez 1995.
41 Bussière 2000.
42 Cruz 2009.
43 Santos 2012, 70, est. XII.

Lucerna	Local ou Regional		Ind.	3		5	100		
			D20	1	1				27
			D30	1	1				28
			Derivada de Disco	2	2				
			Disco	1	1				25
	Total			8	5	5	100		
Numisma			AE3 (337–363)	1	1	18	100		
			AE3 ou 4 (305–423)	1	1				
			AE3 ou 4 (307–361)	1	1				
			AE3 ou 4 (307–363)	1	1				
			AE3 ou 4 (317–363)	1	1				
			AE3 ou 4 (337–363)	6	6				
			AE3 ou 4 (séc. IV)	1	1				
			AE4 (337–361)	1	1				
			AE4 (337–363)	1	1				
			Antoninianus (198–285)	2	2				
			Antoninianus (270–275?)	1	1				
			III-IV?	1	1				
	Total			18	18	18	100		
Terra sigillata	TSAf A		Ind.	42		22	56,4		
			H14	2					
			H14A	4	4				
			H14B	1	1				
			H14C	1	1				
			H15	2	2				29
			H15, var. precoce	4	4				
			H16	2	2				
			H27	2					
			H27 = L9a	1	1				
			H3	1					
			H3C	1	1				
			H3C, módulo grande	2	2				

Terra sigillata			H44	1	1				
			H6	2	1				
			H8, 9 ou 14	1	1				
			H9A	1	1				
	TSAf A/D		H31	1	1	1	2,6		
	TSAf C		H50	1	1	3	7,7		
			H50A/B	1	1				
			Atlante XXXI, 18, var.	1	1				22
			Ind.	7					
	TSAf D1		H58B	1	1	5	12,8		
			H59	2	2				
			H61A	1	1				23
			H67	1	1				
			Ind.	2					
	TSH-Andújar	Grupo 4	D37a	1	1	1	2,6		
		Grupo 3	Tigela	1	1	1	2,6		
			Ind.	1					
	TSH-La Rioja		D15/17	2	2	3	7,7		
			D18	1	1				
			Ind.	1					
	TSSG		D24/25	1	1	3	7,7		
			D27	1	1				
			Prato	1	1				
			Ind.	1					
	Total			99	39	39			
Vidro		Azul claro	Ind.	1	1	1	33,3		
		Azul verde claro	Ind.	1	1	1	33,3		
		Branco opaco	Is.116?	1	1	1	33,3		
	Total			3	3	3	100		
Total				139	75	75	100		
Residualidade: ± 46,7%									

Fig. 9. Quantificação da fase de 350–400 d.C. / Cuantificarea fazei cuprinsă între anii 350–400 AD.

Catálogo:

22 – *Terra sigillata* africana C – *Atlante* XXXI, 18, var. – Q.B1 – P.1 – C.A – Inv. Sig 538

23 – *Terra sigillata* africana D1 – Hayes 61A – Q.B1/B2 – P.1 – C.A – Inv. Sig 375 – 350–400

24 – Imitação de Engobe Vermelho – Polimento – Local ou Regional – Hayes 14A (1.3.2.2) – Q.B1/B2 – P.1 – C.A – Inv. CC 1228

25 – Lucerna – Local ou Regional – Disco – Q.A1 – P.1 – C.A – Inv. OC 56
26 – Almofariz – Local ou Regional – Forma 1 – Q.B1/B2 – P.1 – C.A – Inv. OC 98
27 – Lucerna – Local ou Regional – Dressel 20 – UE Cinzas (depósito do forno?) – Q.A1 – P.2 – C.F+D – Inv. OC 3+61+62+63+66
28 – Lucerna – Local ou Regional – Dressel 30 – UE Cinzas (depósito do forno?) – Q.A1 – P.2 – C.D – Inv. OC 60+64+65
29 – *Terra sigillata* africana A – Hayes 15 – UE cinzas – depósito do forno?) – Q.A1 – P.2 – C.A/B – Inv. Sig. 283+284+287+302

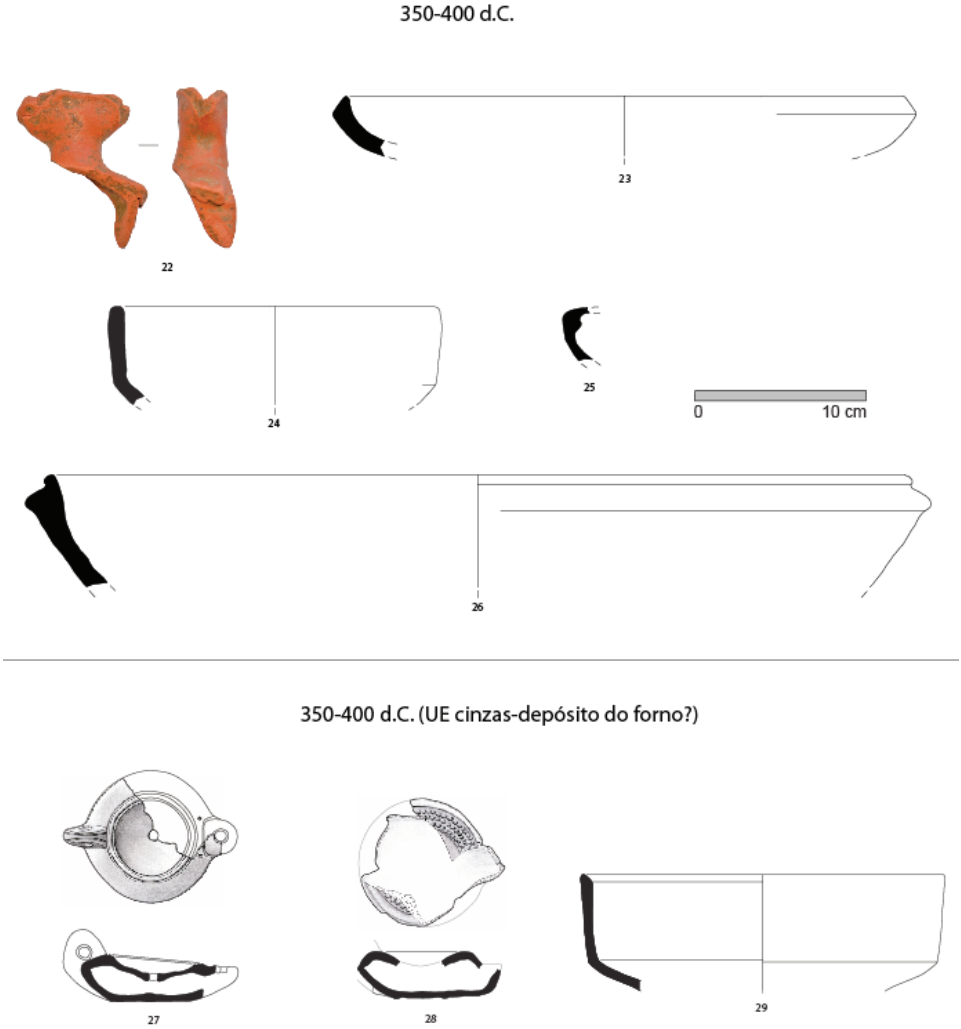

Fig. 10. Materiais da fase de 350–400 d.C. / Materiale aparţinând de faza cuprinsă între anii 350–400 AD.

1.5. Fase de 400–425+ d.C.

A residualidade mantém-se em níveis bastante altos, baixando apenas muito ligeiramente em face da fase anterior, mas podendo atingir valores mais altos se incluirmos a cerâmica africana de cozinha e as Imitações de Engobe Vermelho não vitrificado (IEV), cujos tipos presentes poderão ter sido produzidos em momentos anteriores. Voltamos a encontrar um bom conjunto numismático, indicador de uma boa circulação fiduciária por estes momentos na Quinta de São João, com cunhagens dos séculos II e III ainda presentes, mas sobretudo com as cunhagens do século IV novamente maioritárias, não se encontrando qualquer numisma posterior a 367–383 d.C.. Todavia, uma ligeira intrusão tardo-medieval é-nos indicada pela presença de um possível Ceitil.

No seio da *terra sigillata*, a única produção contemporânea é a africana D, que totaliza apenas 15,5%, um valor bem patenteador do volume de residualidade existente na principal tipologia fina. No conjunto africano contemporâneo, encontramos as duas grandes produções zeugitanas, surgindo agora a africana D2, através de um indivíduo de Hayes 50B (nº 47), com um diâmetro de apenas 210mm, que torna o exemplar algo dúbio na classificação, não estando muito distante morfologicamente da Hayes 81B, cujos diâmetros máximos andam em torno a 200mm[44]. A africana D1 domina naturalmente o conjunto, contendo formas que nascem no século IV, mas que ainda são produzidas nas primeiras décadas do século V, como as Hayes 58B e 59[45]. Outras três formas indicam estarmos já em torno ao primeiro quartel do século V. A Hayes 61A/B1 (nº 30) é uma forma produzida na primeira metade do século V[46]; a Hayes 67 (nº 38), com o estilo Aii-iii (fiada externa de grelhas – punções 67 e 69 – e, no centro, folhas de palma – punção 7 – e grelha – punção 67[47]), aponta para os inícios do século V. A Hayes 80A (nº 31) tem feito correr alguma tinta em relação à sua posição cronológica que se situará em torno a meados ou segunda metade do século V, segundo Bonifay[48], enquanto Mackensen[49] propõe o seu início em 420 d.C.. Contudo, outros dados podem fazer recuar um pouco mais esta cronologia: em Cartago (Hayes 80/81) está diagnosticada desde o primeiro quartel do século V[50]. Parece-nos ser uma forma já produzida no primeiro quartel do

44 Hayes 1972, 128.
45 Ver discussão em Quaresma 2012, cap. IV.
46 Bonifay 2004, 167.
47 Hayes 1972.
48 Bonifay 2004, 173.
49 Mackensen 1993, 406.
50 Reynolds 1995, 149; Fulford, Peacock 1984, 57: missão britânica.

século V, mas que, a partir do segundo quartel do século V, intensifica a sua difusão: na missão italiana de Cartago, o tipo Hayes 80/81 representa 9,8%[51]; no contexto 21 da *Bourse* de Marselha existem três indivíduos de Hayes 80B e oito indivíduos de Hayes 81B[52]; na Cisterna de Sa Mesquida (Maiorca), a Hayes 80 possui dois exemplares e a Hayes 81 possui um exemplar[53]; no contexto de Vila-Roma (*Tarraco*), as Hayes 80A e 80B perfazem 4,1%[54]; finalmente, a Hayes 80B surge ainda no naufrágio Dramont E[55].

As formas de cerâmica africana de cozinha zeugitana presentes, tanto em engobe como em patina cinzenta, pertencem muito provavelmente ao grande bolo de difusão comercial desta tipologia entre os séculos II e IV d.C.[56], pelo que poderão ser residuais nesta fase estratigráfica. Os dados de IEV respeitantes a formas inspiradas não só na *terra sigillata* africana, mas também na cerâmica africana de cozinha, levantam, contudo, questões relevantes para esta interpretação, quando confrontados com os resultados da investigação conduzida por um dos signatários na área da península de Lisboa.

Na *villa* ou *vicus* de Almoínhas (Loures) um conjunto numeroso de importações de cerâmica africana de cozinha e de imitações locais/regionais circula na estratigrafia entre os inícios do século II e os inícios do século VI, com as importações a atingirem um *floruit* em 460+ e sobretudo na fase 500+ d.C., através dos tipos, Hayes 197, 181D e 23, mas sobretudo através dos tipos Hayes 196A, 196B e 195. Os fabricos de imitação, de elevada qualidade, mas com pastas nitidamente locais/regionais e sem nunca apresentar patina cinzenta, surgem na fase de 100+ d.C. e atingem igualmente o *floruit* na fase de 500+ d.C. (estando ausentes na fase de 460+ d.C.). Em 500+ d.C., a Hayes 196A domina o conjunto, seguida por uma novidade tipológica no espaço actualmente português, a forma Fulford 20.6 e 20.1, cuja datação estratigráfica em Cartago aponta igualmente para esta cronologia[57]. Embora o nº 45 da Quinta de São João possua patina cinzenta (técnica desconhecida na Quinta do Rouxinol e em Almoínhas), enquadra-se igualmente neste conjunto de imitações de boa qualidade produzidas em âmbito baixo-tagano. E indica que talvez a Quinta do Rouxinol seja um centro produtor de primeira ordem regional desta tipologia de imitação: neste sítio regista-se Hayes 181B (mas em versão polimento), na fase de 250–300 d.C.; Hayes 181B (na versão de engobe), na fase 350–400 d.C.;

---

51 Anselmino *et alii* 1986; Reynolds 1995.
52 Bonifay, Carré, Rigoir 1998.
53 Orfila Pons, Cau Ontiveros 1994: UE 5.
54 TED'A 1989, 57.
55 Santamaria 1995.
56 Bonifay 2004.
57 Quaresma 2018–2019.

ressurgindo o tipo Hayes 181B (mas em versão polimento), na fase de 425+ d.C.[58].

As imitações locais ou regionais em IEV, presentes na Quinta de São João, revelam o tipo Hayes 23A e 23B em engobe e polimento, mas também a forma Hayes 195, com patina cinzenta (nº 45), nesta fase de 400/425+ d.C. – colocam assim este sítio de consumo em linha com um fenómeno regional diagnosticado na área baixo-tagana, tanto em outro sítio de consumo (Almoínhas), como num sítio de produção (Quinta do Rouxinol).

Em relação ao leque tipológico das IEV com formas inspiradas nas africanas Hayes 14 e Hayes 15 e na hispânica Drag. 24/25 (sem roleta), estas são muito provavelmente residuais, mesmo aceitando que as produções de imitação possam sofrer processos de cristalização e perduração prolongadas. Se aceitarmos então esta residualidade, apenas o leque de imitação de cerâmica africana de cozinha será coevo da fase estratigráfica.

É interessante também notar que, no geral de IEV e independentemente desta valoração cronológica, a técnica de polimento mantém-se à cabeça das IEV adquiridas pelos habitantes da Quinta de São João, enquanto que, no atelier da Quinta do Rouxinol, a técnica de engobe é agora dominante (na última fase do sítio, em 425+ d.C.) e apresenta um leque formal inspirado em tipos contemporâneos como as Hayes 61, 67, 80 e 70/73[59].

Nos vidros, encontramos uma forma residual, alto-imperial, Isings 104, mas outras formas tardias: o tipo AR 147 alcança pelo menos o século IV, em Augst, e o tipo AR 171, iniciado no século II, pode mesmo alcançar os inícios do século V[60]; já as pulseiras em vidro negro opaco (como o nº 46, liso) estão datadas em *Bracara Augusta* na segunda metade do século IV e século V[61].

A aquisição de mobiliário vítreo também parece intensificar-se nesta fase, com uma gama mais diversa de forma, onde se mantém a garrafa Isings 50, mas onde apesar da manutenção de gamas cromáticas tendencialmente antigas[62], vemos surgir formas tardo-antigas, como a lamparina quase completa do tipo AR 68/Is.106 (nº 36), datado a partir do segundo terço do século IV em Kaiseraugst[63]. Este exemplar possui duas bandas superiores de decoração incisa (três fiadas de *scrool* vegetalista ou de cornucópia e uma fiada de geométrico) e duas bandas inferiores também de decoração incisa (agora, uma única fiada de *scrool* vegetalista ou de cornucópia e uma fiada de geométrico).

---

58 Quaresma 2017.
59 Santos *et alii* 2015; Quaresma 2017.
60 Rütti 1991, 124 e 173.
61 Cruz 2009.
62 Rütti 1991.
63 Rütti 1991, 75.

Tipologia	Origem	Grupo	Tipo	Frag.	NMI	NMI Prod.	% NMI Prod.	Obs.	Fig.
Terra sigillata	TSAf A		Ind.	50		10	30,3		
			H14	1	1				
			H14C	1	1				
			H15	1	1				
			H15, var. precoce	1	1				
			H16	1	1				
			H27 = L9a	3	3				
			H44 = L35 ter	1	1				
			H9B	1	1				
	TSAf A ou D		Ind.	1	1	1	3		
	TSAf C		44	1	1	10	30,3		
			H45	3					
			H45A	4	4				
			H45B	1	1				
			H50	1					
			H50A/B	4	4				
			Ind.	13					
	TSAf D1		H58B	2	2	6	18,2		
			H59	1	1				
			H61A/B1	1	1				30
			H67	1	1			Estilo A (ii-iii)	38
			H80A	1	1				31
			Ind.	3					
	TSAf D2		H50B	1	1	1	3		47
	TSH-Andújar	Grupo 4	D27?	1	1	1	3		
		Grupo 3	D15/17	2	2	2	6		
			Ind.	1					
	TSH-La Rioja		D15/17	1	1	1	3		
	TSSG		D30	1	1	1	3		
			Ind.	2					
	Total			106	33	33	100		

Cerâmica africana de cozinha	Norte da Tunísia	Patina cinzenta	H195 = Ostia III, 170	1	1	2	33,3		
			H197	3	1				37
		Engobe	H23	1	1	4	66,6		
			H181B	3	3				32
	Total			8	6	6	100		
IEV	Local ou Regional	Patina cinzenta	H195	1	1	1	9,1		45
		Engobe	1.2.2.1 (Hayes 23A)	1	1	4	36,4		41
			1.2.2.1 (Hayes 23B)	1	1				42
			1.3.2.2 (H15, var.precoce)	1	1				43
			1.3.2.4 (D24/25)	1	1				44
		Polimento	1.2.2.1 (Hayes 23A)	1	1	6	54,5		40
			1.2.2.1 (Hayes 23B)	3	3				33, 34
			1.3.2.2 (H14A)	2	2				35, 39
	Total			11	11	11	100		
Lucerna	Local ou Regional		Disco	1	1	1	100		
			Ind.	2					
	Total			3	1	1	100		
Vidro		Azul celeste	Is.50	1	1	8	100		
		Azul turquesa	?	1	1				
		Incolor opaco	AR 104.1/ Is.94	2	2				
		Incolor verde	AR 68/Is.106	1	1				36
		Negro	Pulseira	1	1				46
		Verde	AR 171/Is.126	1	1				
		Verde claro	AR 147	1	1				
	Total			8	8	8	100		

Numisma			AE2 (367–383)	1	1	13	100		
			AE3 ou 4 (307–361)	1	1				
			AE3 ou 4 (307–408)	1	1				
			AE3 ou 4 (317–326)	1	1				
			AE3 ou 4 (330–346)	2	2				
			AE3 ou 4 (337–363)	1	1				
			AE4 (337–361)	1	1				
			AE4 (337–361?)	1	1				
			Antoninianus (268–270)	1	1				
			Sestércio (117–138)	1	1				
			Sestércio (222–260)	1	1				
			Ceitil indeterminado?	1	1				
	Total			13	13	13	100		
Total				149	72	72	100		
Residualidade: ± 41,7%									

Fig. 11. Quantificação da fase de 400–425+ d.C. /
Cuantificarea cuprinsă între anii 400–425 + d.C.

Catálogo:
30 – *Terra sigillata* africana D1 – Hayes 61A/B1 – UE derrube de adobes – Q.A2 – P.2A – C.C – Inv. Sig 72
31 – *Terra sigillata* africana D1- Hayes 80A – Q.B2 – P.1 – C.C – Inv. Sig 59
32 – Cerâmica africana de cozinha – Norte da Tunísia – Engobe – Hayes 181B – Q.B2 – P.1 – C.C – Inv. Sig 203
33 – Imitação de Engobe Vermelho – Polimento – Local ou Regional – Hayes 23B (1.2.2.1) – Q.B2 – P.1 – C.C – Inv. CC 494
34 – Imitação de Engobe Vermelho – Polimento – Local ou Regional – Hayes 23B (1.2.2.1) – Q.B2 – P.1 – C.C2 – Inv. CC 722
35 – Imitação de Engobe Vermelho – Polimento – Local ou Regional – Hayes 14A (1.3.2.2) – Q.B2 – P.2 – C.B2 – Inv. CC 1357

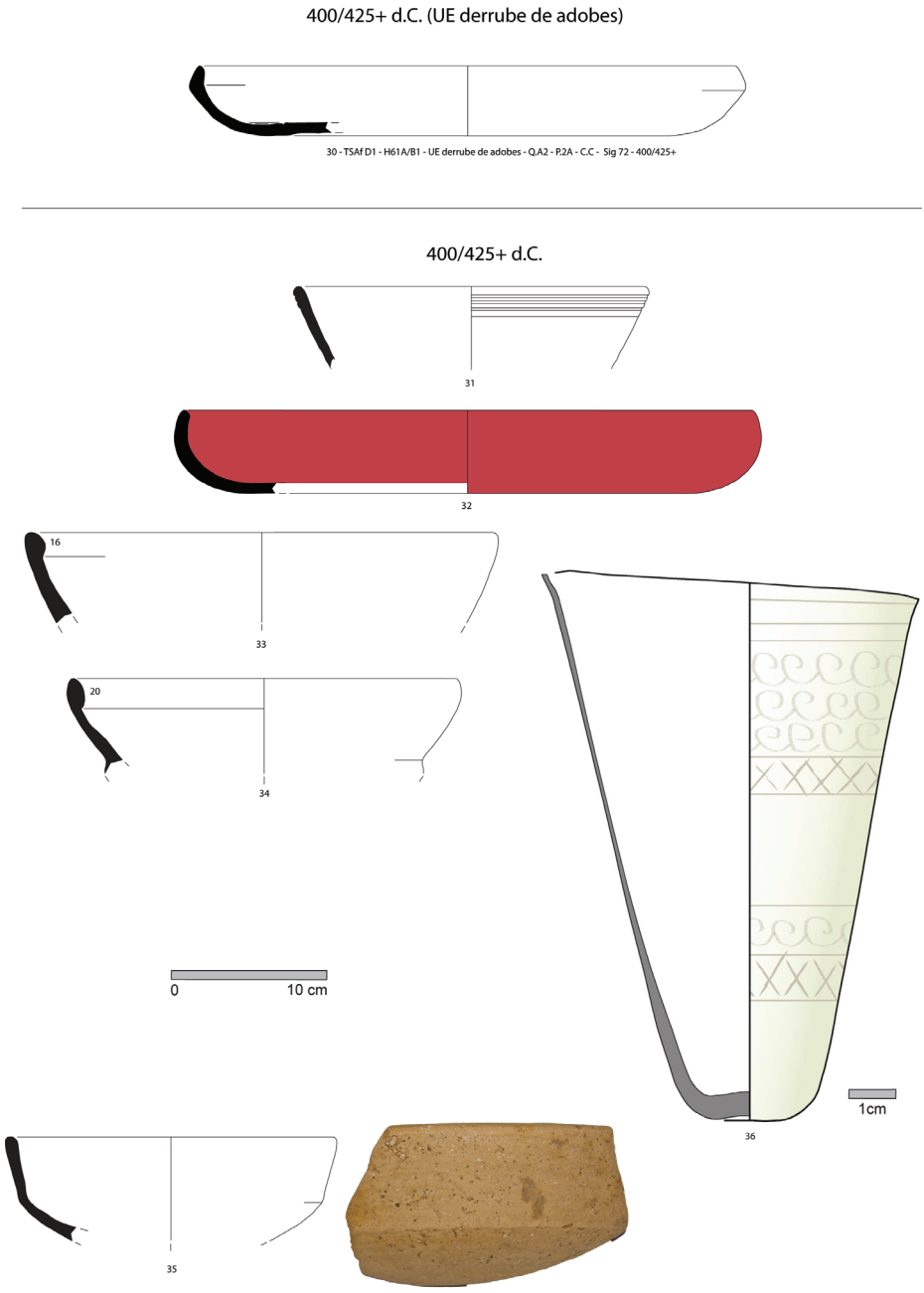

Fig. 12. Materiais da fase de 400–425+ d.C. / Materiale aparţinând de faza cuprinsă între anii 400–425 + AD. fază.

Fig. 13. Materiais da fase de 400–425+ d.C. / Materiale aparţinând de faza cuprinsă între anii 400–425 + AD. fază.

36 – Vidro – Incolor verde – Q.B2 – P.2 – C.2C – AR 68/Is.106 – Inv. OC s/n
37 – CAC – Norte da Tunísia – Patina cinzenta – Hayes 197 – UE cinzas – Q.B2 – P.2A – C.E – Inv. CC 1471
38 – *Terra sigillata* africana D1- Hayes 67 – Estilo A(ii-iii) – UE cinzas – Q.B2 – P.2A – C.E – Inv. Sig 74
39 – Imitação de Engobe Vermelho – Polimento – Local ou Regional – Hayes 14A (1.3.2.2) – UE cinzas – Q.B2 – P.2A – C.E – Inv. CC 1444
40 – Imitação de Engobe Vermelho – Polimento – Local ou Regional – Hayes 23A (1.2.2.1) – UE cinzas – Q.B2 – P.2A – C.E – Inv. CC 1468
41 – Imitação de Engobe Vermelho – Engobe – Local ou Regional – Hayes 23A (1.2.2.1) – UE cinzas – Q.B2 – P.2A – C.E – Inv. CC 74
42 – Imitação de Engobe Vermelho – Engobe – Local ou Regional – Hayes 23B (1.2.2.1) – UE cinzas – Q.B2 – P.2A – C.E – Inv. CC 1460
43 – Imitação de Engobe Vermelho – Engobe – Local ou Regional – Hayes 15 precoce (1.3.2.2) – Q.B2 – P.3 – C.A – Inv. CC 1578
44 – Imitação de Engobe Vermelho – Engobe – Local ou Regional – Drag. 24/25 (1.3.2.4) – Q.B2 – P.3 – C.D – Inv. CC 445
45 – Imitação de Engobe Vermelho – Patina cinzenta – Local ou Regional – Hayes 195 – Q.B2 – P.3 – C.A – Inv. OC 108
46 – Vidro – Negro – Pulseira – UE cinzas – Q.B2 – P.3 – C.A – Inv. s/n
47 – *Terra sigillata* africana D2 – Hayes 50B – Muro 1 – Inv. Sig 448

1.6. Sem fase atribuída

Um total 188 fragmentos, correspondentes a 90 indivíduos, não possui cronologia estratigráfica definida. Neste conjunto encontramos basicamente as mesmas tipologias, com reforço ou depuração de algumas das ideias já obtidas ao longo do estudo das fases estratigráficas datadas. Uma nova tipologia existe neste conjunto: um exemplar de cerâmica vidrada (nº 56), de pasta creme com bastantes ENP de pequenas dimensões e vidrado verde, externo, e amarelo, interno, que deverá ter sido produzido nos primeiros séculos da Era[64].

Do período alto-imperial encontramos mais um conjunto de *terra sigillata* sudgálica e hispânica, tanto de La Rioja como de Andújar, bem como mais um almofariz bético de bordo arredondado e outros exemplares de Verniz Vermelho Pompeiano, tanto campano como local ou regional, sempre do tipo Goudineau 33.

Se a ausência total de *terra sigillata* itálica ou de formas mais antigas da *terra sigillata* sudgálica reforça a cronologia estratigráfica flávia como espelho do início da ocupação do sítio, também o valor estatístico da *terra sigillata* africana A revela o peso desta produção no consumo do sítio, bem acima da congénere africana C, tal como acontece no atelier da Quinta do Rouxinol[65]. Por

[64] Passelac 1993b.
[65] Santos *et alii* 2015.

outro lado, a produção D1 sai agora um pouco mais reforçada, com um bolo tipológico que confirma o final de vida do sítio em torno ao primeiro quartel do século V, embora a Hayes 67B possa prolongar-se até ao segundo quartel da centúria[66]. Mas um outro exemplar decorado, com o estilo Aii (nº 51: círculo radiado – motivo 44b do *LRP*[67]) demonstra também que o segundo quartel do século V dificilmente fará parte da História do sítio, apesar da presença de um exemplar de Hayes 80A na fase de 400–425+ d.C..

O comércio médio-imperial não é apenas demonstrado pelo peso da *terra sigillata* africana A (e africana C), mas também pela presença, embora sempre secundária, de cerâmica africana de cozinha, através das formas mais habituais do seu repertório. E as Imitações de Engobe Vermelho não vitrificado, nas quais o peso dos tipos inspirados nas africanas Hayes 14 e Hayes 23 se evidenciam, e a técnica de polimento domina claramente, são outro indicador do peso comercial dos séculos III e IV. Nesta tipologia é bastante evidente a diferença do semento tecnológico e tipológico adquirido na Quinta de São João, quando comparado com o atelier do atelier da Quinta do Rouxinol[68]: aqui, domina a técnica de engobe e na fase de 425+ d.C. este torna-se preponderante, através de formas (com protótipos contemporâneos) ausentes da Quinta de São João. Nos vidros, uma presença ligeira do tipo AR 98 reforça também a dinâmica comercial dos séculos III e IV, já que, embora este tipo tenha uma datação muito centrada no século III em Augst[69], existe ainda em boas quantidades, no século IV, no vale do Ródano[70].

Tipologia	**Origem**	**Grupo**	**Tipo**	**Frag.**	**NMI**	**NMI Prod.**	**% NMI Prod.**	**Obs.**	**Fig.**
Almofariz	*Baetica*		Bordo arredondado	1	1	1	100		
	Total			1	1	1	100		
Cerâmica africana de cozinha	Norte da Tunísia	Engobe	H181B	1	1	1	11,1		
		Patina cinzenta	H195	1	1	8			
			H196	1	1		88,9		
			H196A	1	1				
			H197	5	5			1 ex. do Norte da Argélia?	
	Total			9	9	9	100		

66 Bonifay 2004, 171.
67 Hayes 1972.
68 Santos *et alii* 2015.
69 Rütti 1991, 90.
70 Silvino *et alii* 2011, 123.

Cerâmica vidrada			*Skyphos*	1	1	1	100		56
	Total			1	1	1	100		
IEV		Polimento	1.2.2.1 (Hayes 23B)	2	2	3	100		54
			1.3.2.2 (Hayes 14A)	1	1				
	Total			3	3	3	100		
Lucerna	Local ou Regional		Derivada de disco	1	1	3	100		
			Disco	1	1				
			Volutas ou Disco	1	1				
			Ind.	2					
	Total			5	3	3	100		
Terra sigillata	TSAf A		H14	2	2	24	39,3		
			H14A	2	2				
			H14B	2	2				
			H15	4	4				
			H15, var. precoce	1	1				
			H16	2	2				
			H18 ou 27	1	1				
			H27	1	1				
			H3C, módulo grande	3	3				
			H3C	1	1				
			H6A ou B	1	1				
			H6B	1	1				
			H8, 9 ou 14	1	1				
			H9B	2	2				
			Ind.	73					
	TSAf A/D		H17	1	1	1	1,6		49
	TSAf C		H45A	2	2	9	14,8		
			H50	4	4				
			H50A	2	2				
			H50A/B	1	1				
			Ind.	11					
	TSAf D1		H58B	1	1	11	18		50
			H59	3	3				
			H59A	1	1				51
			H61A	1	1				
			H67	2	2			1 ex. estilo A(ii)	53
			H67A	2	2				
			H67B	1	1				52
			Ind.	4					

	TSH-Andújar	Grupo 4	D27	1	1	2	3,2		
			Tigela	1	1				
		Grupo 3	D15/17	2	1	1	1,6		
			Ind.	2					
	TSH-La Rioja		D15/17	1	1	1	1,6		
			Ind.	3					
	TSSG		D18	5	5	12	19,7		
			D24/25	3	3				
			D27	3	3				
			Prato	1	1				
			Ind.	3					
	Total			158	61	61	100		
Vidro		Azul turquesa	Unguentário AR 130	1	1	1	14,3		
		Incolor	AR 102	1	1	4	57,1		
			AR98	1	1				
			Is.3	1	1				
			Ind.	1	1				
		Incolor opaco	AR 98	1	1	1	14,3		
		Incolor verde	Unguentário AR 130	1	1	1	14,3		
	Total			7	7	7	100		
Verniz Vermelho Pompeiano	*Italia, Campania*		Goudineau 33	1	1	1	20		48
	Local ou Regional	Quartzo branco	Goudineau 33	4	4	4	80		55
	Total			5	5	5	100		
Total				188	90	90	100		

Fig. 14. Quantificação dos materiais sem fase atribuída. /
Cuantificarea materialelor fără faza atribuită.

Catálogo:
48 – Verniz vermelho pompeiano – Local ou Regional – Goudineau 33 – Q.B2 – Inv. OC 148
49 – *Terra sigillata* africana A/D – Hayes 17 – Q.A1 – Perfil Sul – C.B – Inv. Sig 224
50 – *Terra sigillata* africana D1 – Hayes 58B – Inv. Sig 492
51 – *Terra sigillata* africana D1- Hayes 59A – Q.A1 – C.B – Inv. Sig 16
52 – *Terra sigillata* africana D1- Hayes 67B – Q.A1+B1 – Inv. Sig 447
53 – *Terra sigillata* africana D1- Hayes 67 – Estilo A(ii) – Inv. Sig 442
54 – Imitação de Engobe Vermelho – Polimento – Local ou Regional – Hayes 23B (1.2.2.1) – Q.B2 – P.2A – C.E – Inv. CC 402
55 – Verniz vermelho pompeiano – Local ou Regional – Fabrico de inclusões quartzo branco – Goudineau 33 – Q.B2 – Inv. OC 148
56 – Cerâmica vidrada – *Skyphos* – Q. 3 – Inv. OC 153

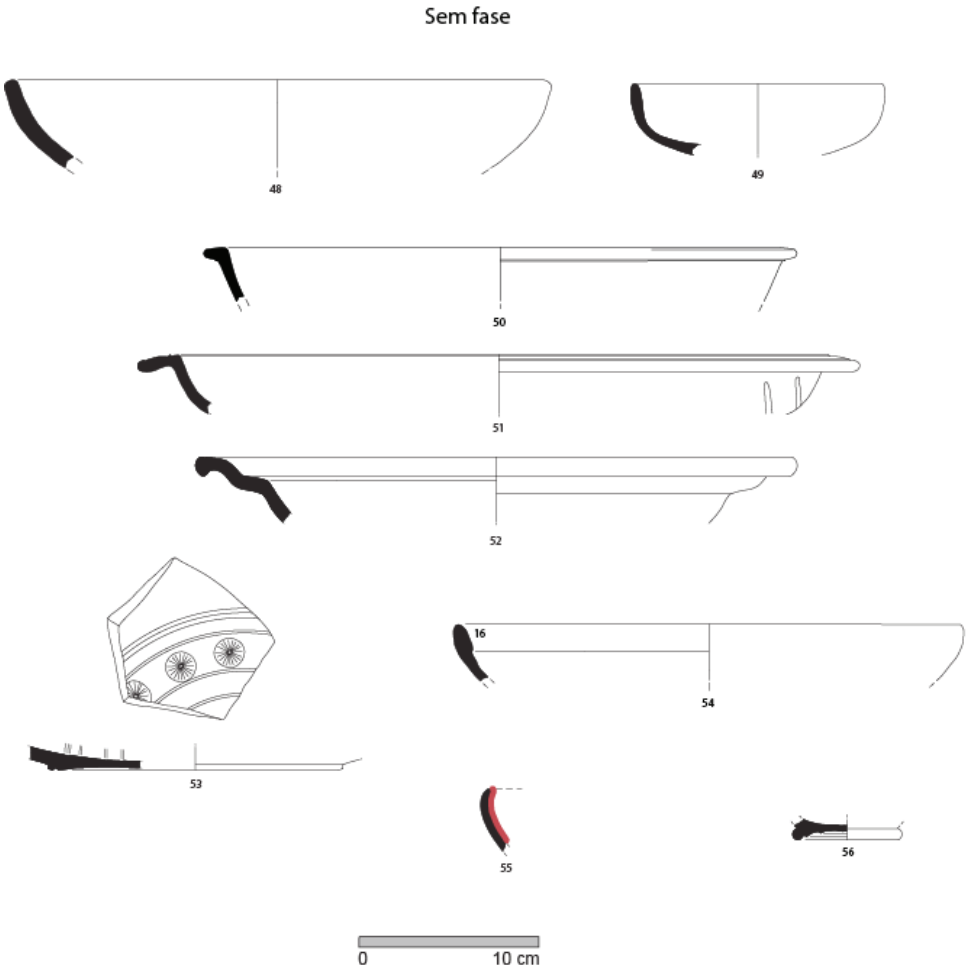

Fig. 15. Materiais sem fase atribuída. / Materiale fără faza atribuită.

2. Conclusões

Por contraponto ao centro produtor da Quinta do Rouxinol, o sítio da Quinta de São João, cuja funcionalidade ainda desconhecemos, apresenta uma diacronia estratigráfica complementar. Possível *villa* ou casal (ou quiçá, um *vicus*, já que a área do arqueossítio não está determinada), com aparentes áreas habitacionais e artesanais (forno), implanta-se, tal como o centro oleiro anfórico, na margem sul do estuário do Tejo, em frente à cidade de *Olisipo* (Fig. 1).

Área de ocupação humana tão mal conhecida, no que à época romana diz respeito (com excepção do plêiade de centros anfóricos, minas de ouro e pequenos estabelecimentos de produção de preparados de peixe), a sua vocação

eminentemente extractiva e produtora/industrial parece uma evidência; por clara oposição à margem norte, onde a função urbana/residencial de *Olisipo*, acompanhada de cumulativas funções industriais (sobretudo de preparados de peixe) e das naturais implantações rurais, estabelece assim o tal contraponto. Margem norte de vocação complexa, mas claramente capital territorial, pelo estatuto de *municipium civium romanorum* de *Olisipo*, um dos principais portos da *provincia* da *Lusitania*; margem sul de clara vocação eminentemente industrial e extractiva, à qual falta ainda conhecer as suas áreas residenciais.

Ao contrário de outros centros oleiros como o do Pinheiro, no vale do Sado, na margem sul tagana desconhece-se os sectores habitacionais das *officinae* de preparados de peixe, apenas se tendo detectado uma área necropolar no Porto dos Cacos, o que evidencia uma população residente a tempo integral[71]. Neste sentido, a funcionalidade precisa do sítio da Quinta de São João é um aspecto crucial a determinar no futuro. Até porque a sua diacronia estratigráfica diverge significativamente da da Quinta do Rouxinol, mormente possuam também uma sobreposição coerente.

Assim, na Quinta de São João, pudemos diagnosticar cinco fases estratigráficas, tal como na Quinta do Rouxinol, mas elas divergem quanto à sua extensão cumulativa.

Na Quinta de São João, temos as fases de 70–100, 100–125, 270–300, 350–400 e 400–425+ d.C..

Na Quinta do Rouxinol, as fases de 235–250, 250–300, 300–350, 350–400, 400–425 e 425+ d.C..

Ou seja, o Alto-Império, ou melhor dito, o período entre os Flávios e os Severos, está apenas representado estratigraficamente na Quinta de São João, tendo a Quinta do Rouxinol meros materiais avulsos, representantes de possíveis estratigrafias alto-imperiais ainda não detectadas[72].

É a Antiguidade Tardia, ou melhor, o período entre sensivelmente os meados do século III e o primeiro quartel do século V d.C., que permite uma comparação entre os dois sítios. E, nestas centúrias, parecem ter uma punção crono-estratigráfica com similitudes, na qual se destaca, pelas suas diferenças de conteúdo, o seu segmento final. E em muito esta diferença radica no consumo de Imitações de Engobe Vermelho não vitrificado, intensamente produzidas na Quinta do Rouxinol, na sua última fase de 425+ d.C., através de formas coevas como a Hayes 61, 67, 70/73, 80 e 91, realizadas sobretudo na técnica de engobe – com uma menor percentagem em polimento[73]. Estas formas estão ausentes da Quinta de São João, que sendo um centro de consumo desta tipologia desde

[71] Fabião 2004; Santos, Raposo, Quaresma 2015.

[72] Quaresma 2017.

[73] Quaresma 2017.

270–300 d.C., em consonância com a Quinta do Rouxinol, apresenta, porém, na sua última fase, de 400–425+ d.C., apenas tipos tendencialmente mais antigos (Hayes 14A inspirado na *terra sigillata*, e Hayes 23, inspirado na cerâmica africana de cozinha – formas ausentes da referida última fase da Quinta do Rouxinol!). As IEV, sem dúvida o principal elemento comparativo para se diagnosticar uma relação comercial entre os dois sítios, apresentam assim uma dicotomia clara, quando, no primeiro quartel do século V d.C., o centro produtor vive um período de apogeu do seu fabrico.

E assim, o mais prudente a concluir, por agora, é a evidente necessidade de prospecções e escavações no território meridional do estuário do Tejo, para uma efectiva compreensão da sua geo-economia e da sua estratégia de povoamento.

BIBLIOGRAFIA

AA.VV. 1981,

AA.VV., *Enciclopedia dell' Arte Antica Classica e Orientale. Atlante delle Forme Ceramiche*. I (*Ceramica Fine Romana nel Bacino Mediterraneo. Medio e Tardo Impero*), Roma, 1981.

Aguarod Otal 1991,

C. Aguarod Otal, *Ceramica comum romana de cocina en la Tarraconense*, Zaragoza, 1991.

Anselmino *et alii* 1986,

L. Anselmino, C. M Coletti, M. L. Ferranti, C. Panella, *Ostia. Terme del nuotatore*, in A. Giardina, dir., *Società romana e impero tardoantico. Le merci. Gli insediamenti*, Roma, 1986, 45–81.

Aquilué Abadias *et alii* 2005,

J. Aquilué Abadias, P. Castanyer, M. Santos, J. Tremoleda, *Presencia de producciones sigillatas sudgálicas en las excavaciones realizadas en el foro de la ciudad romana de Empúries (L'Escala, Alt Empordà)*, in X. Nieto, M. Roca, A. Vernhet, P. Sciau, eds., *La difusió de la terra sigillata sudgàllica al nord d'Hispania*, *Monografies*, 6, Barcelona, 2005, 199–239.

Arruda *et alii* 2008,

A. M. Arruda, E. Sousa, P. Bargão, P. Lourenço, *Monte Molião (Lagos): resultados de um projecto em curso*, in *Actas do 5º encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 25 a 27 de Outubro de 2007)*. I, Xelb, 8, 2008, 137–168.

Arruda, Viegas 2002,

A. M. Arruda, C. Viegas, *As cerâmicas de engobe vermelho pompeiano da Alcáçova de Santarém*, in *RPA*, 5, 1, 2002, 221–238.

Bernal Casasola, García Giménez 1995,
D. Bernal Casasola, R. García Giménez, *Talleres de lucernas en Colonia Patricia Cordoba en época bajoimperial: evidencias arqueológicas y primeros resultados de la caracterización geoquímica de las pastas*, in *AAC*, 6, 1995, 175–216.

Bonifay 2004,
M. Bonifay, *Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique*, in BAR International Series 1301, Oxford, 2004.

Bonifay *et alii* 1998,
M. Bonifay, M.-B. Carre, Y. Rigoir (eds.), *Fouilles à Marseille. Les Mobiliers (Ier-VIIe siècles ap. J.-C.)*, in *Travaux du Centre Camille-Julian*, 22/ *Études Massaliètes*, 5, Paris, 1998.

Bussière 2000,
J. Bussière, *Lampes antiques d'Algérie*, in *Monographies Instrumentum,* 16, Montagnac, 2000.

Casas i Genover, Sole i Fusté 2006,
J. Casas i Genover, V. Sole i Fusté, *Llànties romanes d'Empúries. Materiales augustals i alto-imperials,* in *Monografies Emporitanes*, 13, Girona, 2006.

Cruz 2009,
M. Cruz, *O Vidro Romano no Noroeste Peninsular. Um olhar a partir de Bracara Augusta*, Tese de doutoramento, Braga, 2009.

Dannell *et alii* 1998,
G. Dannell, B. Dickinson, A. Vernhet, *Ovolos on Dragendorff form 30 from the collections of Frédéric Hermet and Dieudonné Rey*, in J. Bird, ed., *Form and fabric. Studies in Rome's material past in honour of B. R. Hartley*, *Oxbow Monograph*, 80, 1998, 69–110.

Fabião 2004,
C. Fabião, *Centros oleiros da Lusitania. Balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação*, in D. Bernal, L. Lagóstena, eds., *Figlinae baeticae*. *Talleres alfareros y producciones cerámicas en la bética romana. Actas del Congresso Internacional* (*Cádiz, 12–14 de noviembre de 2003*, *BAR International Series*, 1266, Cádiz, 2004, 379–410.

Farine 1996,
B. Farine, *La Graufesenque: évolution d'une chaussée au cours du Ier siècle de notre ère: structures et céramiques sigillées*, in *SFECAG. Actes du Congrès de Dijon*, 1996, 209–236.

Fulford, Peacock 1984,
M. G. Fulford, D. P. S. Peacock, eds., *Excavations at Carthage: the british mission*, I, 2, *The Avenue President Habib Bourguiba, Salammbo. The pottery and other ceramic objects from the site*, Sheffield, 1984.

Genin, Rascalou 2004,
M. Genin, P. Rascalou, *Un ensemble homogène du milieu du Ier s. ap. J.-C.: le matériel céramique de la fosse 9003*, in R. Thernot, V. Bel, S. Maune, eds., *L'établissement rural antique de Soumaltre (Aspiran, Hérault) – terme, auberge, nécropole et atelier de potiers en bordure de la voie Cessero – Condatomagus (Ier Iie s. apr. J.-C.)*, Colléction Archéologie et Histoire, 14, Montagnac, 2004, 133–168.

Genty, Mauné 2006,
P.-Iv. Genty, S. Mauné, *Un dépotoir de la premiére moitié du IIe s. dans la villa de St.-Bézard (Aspiran, Hérault)*, in S. Mauné, M. Genin, eds., *Du Rhône aux Pyrénées: aspects de la vie matérielle en Gaule Narbonnaise (fin Ier s. av. J.-C. – Vie s. ap. J.-C.)*, Montagnac, 2006, 163–182.

González Villaescusa *et alii* 2015
G. González Villaescusa, A. Quevedo, R. Járrega, A. Pecci, M. Cau Ontiveros, *La céramique culinaire africaine: typo-chronologie, fonction et diffusion de la forme Uzita 48.1*, in *Mélanges de la Casa de Velázquez*, 45, 2, 2015, 169–194.

Hayes 1972,
J. W. Hayes, *Late Roman pottery*, London, 1972.

Hermet 1934,
F. Hermet, *La Graufesenque (Condatomago)*, Paris, 1934.

Mackensen 1993,
M. Mackensen, *Die spätantiken Sigillata- und Lampentöpfereien von El Mahrine (Nordtunesien). Studien zur Nordafrikanischen Feinkeramik des 4. bis 7. Jahrhunderts (mit einem Beitrag von Sebastien Storz)*, *Müncher Beiträge zur Vor- und Frühgeschichte*, 50, München, 1993.

Mayet 1975,
F. Mayet, *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique*, Paris, 1975.

Orfila Pons, Cau Ontiveros 1994,
M. Orfila Pons, M. Cau Ontiveros, *Las ceramicas finas procedentes de la cisterna de sa Mesquida, Calvià (Mallorca)*, in *III Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispanica*, Barcelona, 1994, 257–288.

Passelac 1993a,
M. Passelac, *Céramique à vernis rouge pompéien*, in *Lattara*, 6, 1993, 545–547.

Passelac 1993b,
M. Passelac, *Céramique romaine à glaçure plombifère*, in *Lattara*, 6, 1993, 430–434.

Passelac, Vernhet 1993,
M. Passelac, A. Vernhet, *Céramique sigillée sud-gauloise*, in *Lattara*, 6, 1993, 569–580.

Paz Peralta 2008,
J. Paz Peralta, *Las producciones de terra sigillata intermedia y tardia*, in D. Bernal Casasola, A. Ribera I Lacomba, eds., *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, Cádiz, 2008, 497–539.

Quaresma 2006,
J. C. Quaresma, *Almofarizes béticos e lusitanos: revisão crono-morfológica de alguns tipos*, in *RPA*, 9, 1, 2006, 149–166.

Quaresma 2011,
J. C. Quaresma, *Chronologie finale de la sigillée africaine A à partir des contextes de Chãos Salgados (Mirobriga?): différences chronologiques entre l'Orient et l'Occident de l'Empire Romain*, in M. Cau Ontiveros, P. Reynolds, M. Bonifay, eds., *LRFW 1. Late Roman Fine Wares. Solving problems of typology and chronology. A review of the evidence, debate and new contexts,* RLAMP, 1, 2011, 67–86.

Quaresma 2012,
J. C. Quaresma, *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados* (*Mirobriga*?), in *Estudos e Memórias*, 4, Lisboa, 2012.

Quaresma 2017,
J. C. Quaresma, *A evolução crono-estratigráfica do atelier da Quinta do Rouxinol (Seixal): segundo quartel do século III aos inícios do segundo quartel do século* V, in C. Fabião, J. Raposo, A. Guerra, A., F. Silva, eds., *Olaria Romana. Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental (17 a 20 de Fevereiro de 2010, Seixal*), Seixal, 2017, 275–306.

Quaresma 2018–2019,
J. C. Quaresma, *From Late Roman to Suevic-Visigothic period at Almoínhas (Loures, Portugal): evolution of fine ware imports and regional imitations between c.350 and 525+ AD*, in *Oppidum*, 18–19, 2018–2019, 255–294.

Raposo 1990,
J. Raposo, *Porto dos Cacos: uma oficina de produção de ânforas romanas no Vale do Tejo*, in A. Alarcão, F. Mayet, eds., *As Ânforas Lusitanas: tipologia, produção, comércio*, Paris, 1990, 117–151.

Reynolds 1995,
P. Reynolds, *Trade in the Western Mediterranean. A.D. 400–700: the ceramic evidence*, BAR International Series 604, 1995.

Rodríguez Martín 2002,
F. G. Rodríguez Martín, *Lucernas romanas del Museo Nacional de Arte Romano (Mérida)*, in *Monografías Emeritenses*, 7, Madrid, 2002.

Rütti 1991,
B. Rütti, *Die römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugst, Forschungen in Augst*, Band 13, Augst, 1991.

Salgueiro *et alii* 2000,
R. Salgueiro, M. Chichorro, L. Martins, *Ocorrência de ouro nos depósitos pliocénicos da região de Cruz de Pau (Seixal)*, in *Ciências da Terra*, 14, 2000, 203–212.

Sanchez, Silvereano 2005,
C. Sanchez, S. Silvereano, *Le port de Narbonne et la diffusion des sigillées de La Graufesenque: étude préliminaire de la Collection Bouscaras*, in X. Nieto, ed., *La difusió de la terra sigillata sudgàl.lica al nord d'Hispania*, *Monografies*, 6, Barcelona, 2005, 163–177.

Santamaria 1995,
C. Santamaria, *L'épave Dramont "E" à Saint-Raphael (Ve siècle ap. J.-C.)*, in *Archaeonautica*, 13, 1995.

Santos 2011,
C. Santos, *Mercurius e seu culto em território olisiponense*, in *O Arqueólogo Português*, Serie V, 1, 2011, 525–541.

Santos 2012,
C. Santos, *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol*, Mestrado em Arqueologia, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012.

Santos 2014,
C. Santos, *Sobre o Achado de uma Candeia de Vidro na villa romana da Quinta de S. João/Quinta da Laranjeira (Arrentela, Seixal)*, in *Al-Madan Online*, vol. IIª, série, n.º 18, tomo 2, 2014, 117–124.

Santos, Raposo 2001,
C. Santos, J. Raposo, *Novas Galerias em Coina*, in *Al-madan*, IIª, série, n.º 10, 2001, 12.

Santos *et alii* 2015,
C. Santos, J. Raposo, J. C. Quaresma, *Quinta do Rouxinol, Seixal: evolução estratigráfica das cerâmicas finas, cerâmica comum e ânforas entre o segundo quartel do século III e o segundo quartel do século V*, in J. C. Quaresma, J. Marques, eds., *Contextos estratigráficos de época romana na Lusitania (de Augusto à Antiguidade Tardia)*, *Actas do colóquio na Associação dos Arqueólogos Portugueses, a 24 de Novembro de 2012, Monografias da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, 1, Lisboa, 2015, 117–148.

Serrano Ramos 1995,
E. Serrano Ramos, *Producciones de ceramicas comunes locales de la Bética*, in *Ceràmica*

comuna romana d'època alto-imperial a la Peninsula Ibèrica. Estat de la questió (*Monografies Emporitanes*, VIII), Empuriès: Museu d'Arqueologia de Catalunya, 1995, 227–50.

Silva *et alii* 1980–1981,
C. T. Silva, J. Soares, C. M. Beirão, L. Ferrer Dias, A. Coelho-Soares, *Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979)*, in *Setúbal Arqueológica*, 6–7, 1980–1981, 149–218.

Silva, Soares 1993,
C. T. Silva, J. Soares, *Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da Costa Alentejana*, Lisboa, 1993.

Silvino *et alii* 2011,
T. Silvino, G. Maza, F. Blaizot, Th. Argant, L. Robin, S. Carrara, *Les mobiliers des campagnes lyonnaises durant l'antiquité tardive: premier bilan*, in *L'Antiquité tardive dans l'Est de la Gaule*, I, *RAE*, 30e suppl., 2011, 109–172.

TED'A 1989,
Taller Escola d'Arqueologia, *Un abocador del segle V d.C. en el fòrum provinciale de Tàrraco*, Tarragona, 1989.

Vale, Sabrosa 1998,
A. Vale, A. Sabrosa, *Galerias em Coina*, in *Al-madan*, IIª série, n.º 7, 1998, 10.

Vale *et alii* 1999,
A. Vale, J. L. Monteiro, A. Sabrosa, *Complexo Mineiro de Vale de Gatos (Cruz de Pau): Relatório dos trabalhos arqueológicos*, texto policopiado, Seixal, 1999.

UN PUNCT DE VEDERE ASUPRA EVOLUȚIEI CERAMOLOGICE A ATELIERULUI QUINTA DO ROUXINOL: QUINTA DE SÃO JOÃO DA ARRENTELA, PORTUGALIA (70–425+D.C.)

Rezumat

Articolul de față a fost realizat în baza cercetărilor întreprinse de autor, împreună cu Jorge Raposo, în ultimele două decenii. Articolul se concentrează pe prezentarea a două importante situri din bazinul inferior al fluviului Tajo: Quinta de São João (a cărui funcționalitate nu a fost încă determinată) și Quinta de Rouxinol (cu producție de amfore și de marfă de proastă calitate). Ambele situri, apropiate unul de celălalt, sunt situate în fața orașului Olisipo (Lisabona), cel mai important port din Lusitania, într-una dintre cele mai importante zone de producere de amfore pentru comercializarea peștelui sărat și vinului. În text se iau în discuție diferențele privind tiparele de consum de ceramică între Quinta de São João (sit a cărui stratigrafie se înscrie între cca. 70 și cca. 425 d.Cr.) și Quinta de Rouxinol (cu o stratigrafie înscrisă între cca. 235 și peste 425 d.Cr.)